

dança com o diabo



SHERRILYN KENYON

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido



A todas as minhas leitoras: muito obrigado pelos emails e pelo maravilhoso apoio que me mostraram, bem como a esta coleção, em especial as senhoras da RBL, do Sanctuary e de HunterLegends. A Lo, Nick, Tasha e Brynna, que garantem a minha sanidade e me ajudam a manter ativos os links e os fóruns da coleção. A Janet, pelo apoio tremendo que me dá e o trabalho que realiza. Ao meu marido e aos rapazes que são sempre o ponto alto do meu dia e que me lembram que é possível viver feliz para sempre. E em especial a Kim e Nancy que, além de me permitirem explorar os limites do mundo dos Predadores da Noite, me permitiram partilhar com todas vós este meu universo. Que Deus vos abençoe e proteja a todas. Abraços!!



Prólogo

NOVA ORLEÃES
O DIA A SEGUIR AO CARNAVAL

ZAREK recostou-se no seu assento, enquanto o helicóptero levantava voo. Ia regressar a casa, ao Alasca.

Sem dúvida morreria ali.

Se Ártemis não o matasse, decerto Dionísio o faria. O deus do vinho tinha deixado bem claro o desprazer que a traição de Zarek lhe provocara e qual o castigo que lhe tencionava infligir.

Pela felicidade de Sunshine, Zarek provocara um deus que, de certeza, o faria sofrer horrores ainda maiores do que os do seu passado humano.

Não que se importasse. Não havia muito, tanto na vida como na morte, com que Zarek se tivesse, alguma vez, importado.

Ainda não sabia porque tinha arriscado o próprio couro por Talon e Sunshine, para além do facto de irritar pessoas ser a única coisa que lhe dava, realmente, prazer.

O seu olhar caiu sobre a mochila pousada aos seus pés.

Antes que se apercebesse do que estava a fazer, retirou do seu interior a tigela feita à mão que Sunshine lhe oferecera e ergueu-a nas mãos.

Fora a única vez, em toda a sua vida, que alguém lhe dera algo por que não tivera de pagar.

Passou as mãos pelo padrão intrincado que Sunshine gravara. Ela devia ter passado horas de volta daquela tigela.

Acariciara-a com mãos carinhosas...

“Perdem o seu tempo com uma boneca de pano e ela torna-se muito importante para eles; se alguém a levar, choram...”

A passagem do *Príncipezinho* ressoou na sua mente. Sunshine dedicara tanto tempo àquilo e oferecera-lhe o fruto do seu trabalho, sem razão aparente. Provavelmente não fazia ideia do quanto o seu simples presente o tocara.

— És mesmo patético — murmurou, apertando a taça na mão, enquanto desenhava com os lábios um trejeito de repugnância. — Não significou nada para ela e, por um pedaço de barro sem qualquer valor, acabaste de te condenar à morte eterna.

Fechando os olhos, engoliu em seco.

Era verdade.

Mais uma vez, ia morrer por nada.

— E depois?

Que o deixassem morrer. O que é que isso interessava?

Se não o matassem durante a viagem, partiria com uma boa luta e, no Alasca, as boas lutas eram poucas e espaçadas.

Mal podia esperar pelo desafio.

Furioso consigo mesmo e com o mundo em geral, Zarek despedaçou a tigela com a força dos seus pensamentos, depois sacudiu o pó das calças.

Retirando da mochila o seu leitor de MP3, avançou até à música dos Nazareth, *Hair of the Dog*, colocou os auscultadores e esperou que Mike abrisse as janelas do helicóptero e deixasse entrar a letal luz do sol.

Afinal de contas, fora para isso que Dionísio pagara ao Escudeiro e este, se tivesse um mínimo de bom senso, obedeceria porque, se Mike não o fizesse, iria desejar tê-lo feito.

Capítulo

UM

ACHERON Parthenopaeus era um homem de muitos segredos e poderes. Como primeiro Predador da Noite e líder dos da sua espécie tinha, durante nove mil anos, assumido a função de intermediário entre eles e Ártemis, a deusa da caça, que os criara.

Tratava-se de um trabalho que raramente apreciava e uma posição que sempre odiara. Como uma criança malcomportada, não havia nada que Ártemis mais gostasse do que de testar os seus limites, para ver até onde podia ir antes que ele a repreendesse.

Aquela era uma relação complicada, que se baseava num equilíbrio de poder. Só ele possuía a capacidade necessária para a manter calma e racional.

Pelo menos a maior parte do tempo.

Entretanto, ela possuía a única fonte de comida de que ele necessitava para manter a sua humanidade. A sua compaixão.

Sem ela, tornar-se-ia um assassino sem alma, ainda pior do que os *daemon* que se alimentavam dos homens.

Sem ele, ela não teria coração nem consciência.

Na noite de Carnaval negociara com ela, oferecendo-lhe duas semanas de servidão, para que libertasse a alma de Talon e permitisse ao Predador da Noite abandonar o seu serviço e passar a sua imortalidade junto da mulher amada.

Talon foi, assim, liberto da obrigação de caçar vampiros e outras criaturas demoníacas que percorrem a terra em busca de vítimas inocentes.

Acheron não podia usar grande parte dos seus poderes, enquanto se encontrava no interior do templo de Ártemis, tendo de confiar nos caprichos dela para se manter informado em relação ao progresso da caçada de Zarek.

Sabia como Zarek se sentia traído e isso atormentava-o. Mais do que qualquer outra pessoa, compreendia o que significava ser deixado completamente sozinho, sobreviver apenas por instinto e não ter senão inimigos à sua volta.

Ash não conseguia suportar a ideia de um dos seus homens se sentir assim.

— Quero que mandes o Tánatos regressar — disse Ash, enquanto se sentava no chão de mármore aos pés de Ártemis. Ela estava deitada no seu trono cor de marfim, que sempre o fizera pensar numa *chaise-longue* demasiado acolchoada. Era decadente e macia, um estudo puro de prazer hedonístico.

Ártemis era, acima de tudo, uma criatura de conforto.

Sorriu languidamente, enquanto rebojava para ficar de costas. O seu *peplos* branco, transparente, mostrava mais do seu corpo do que escondia e, quando se moveu, toda a parte de baixo do seu corpo ficou exposta.

Desinteressado, ele ergueu o olhar até ao dela.

Ela percorreu, com um olhar quente e cheio de desejo, o corpo dele, nu com a exceção de um par de justas calças de cabedal preto. Os seus olhos verde-claros brilharam de satisfação, enquanto ela brincava com uma madeixa do longo cabelo louro de Ash, que tapava a marca da dentada no seu pescoço.

Ela estava bem alimentada e feliz por se encontrar com ele.

Ele não estava nem uma coisa nem a outra.

— Ainda estás fraco, Acheron — disse ela, baixinho — e não te encontras em condições de fazer exigências. Além disso, as tuas duas semanas comigo ainda agora começaram. Onde está a submissão que me prometeste?

Ash levantou-se, lentamente, erguendo-se sobre ela. Colocou uma mão de cada lado da cabeça dela e baixou-se, lentamente, até os narizes de ambos quase se tocarem. Os olhos dela abriram-se um pouco mais, apenas o suficiente para o deixar saber que, apesar das suas palavras, ela sabia qual dos dois era o mais poderoso, mesmo quando enfraquecido.

— Manda regressar o teu animal de estimação, Artie. Estou a falar a sério. Já te disse, há muito tempo, que não é preciso um Tánatos para perseguir os meus Predadores e eu estou cansado deste teu jogo. Quero-o enjaulado.

— Não — disse ela num tom quase petulante. — O Zarek tem de morrer. A sinfonia terminou. Assim que as imagens dele a matar *daemon*

se tornaram no principal acontecimento do jornal da noite, expôs ao perigo todos os Predadores. Não nos podemos dar ao luxo de permitir que as autoridades humanas tomem conhecimento da sua existência. Se alguma vez encontrarem o Zarek...

— Quem é que o vai encontrar? Ele está preso no meio do nada, graças à tua crueldade.

— Eu não o coloquei lá, foste *tu*. Eu queria-o morto e tu recusaste. Foi por causa de *ti* que ele foi banido para o Alasca, por isso não me culpes.

Ash fez uma careta.

— Não vou condenar um homem à morte só porque tu e os teus irmãos andaram a brincar com a vida dele.

Querida outro destino para Zarek. Mas, até então, nem os deuses nem Zarek tinham cooperado.

Em todo o caso, maldito fosse o livre arbítrio. Metia-os a todos em mais sarilhos do que qualquer um deles precisava.

Ela olhou-o, semicerrando os olhos.

— Porque é que te importas tanto, Acheron? Começo a sentir ciúmes deste Predador da Noite e do *amor* que sentes por ele.

Ash afastou-se dela. Ártemis era capaz de fazer com que a sua preocupação pelos seus homens soasse obscena.

Claro que ela era boa nisso.

O que ele sentia por Zarek era uma afinidade fraterna. Melhor do que qualquer pessoa, compreendia as motivações daquele homem. Sabia porque é que Zarek atacava, furioso e frustrado.

Havia um limite para os pontapés que um cão era capaz de suportar antes de se tornar violento.

Ele próprio estava tão perto de se transformar que não podia culpar Zarek pelo facto de ter cedido à raiva, séculos antes.

Ainda assim, não podia deixar que Zarek morresse. Não assim. Não por algo que não fora culpa sua. O incidente no beco, em Nova Orleães, quando Zarek atacou os polícias, tinha sido arquitetado por Dionísio com o único intuito de o expor aos humanos e levar Ártemis a lançar contra ele uma verdadeira caça ao homem.

Se Tánatos e os Escudeiros matassem Zarek, este tornar-se-ia uma Sombra sem corpo, condenada a caminhar sobre a terra durante toda a eternidade. Para sempre esfomeado e em sofrimento.

Para sempre em dor.

Ash encolheu-se perante a recordação.

Incapaz de suportar aquele pensamento, dirigiu-se para a porta.

— Onde é que vais? — perguntou Ártemis.

— Procurar Témis e desfazer o que começaste.

Ártemis surgiu, de súbito, à sua frente, bloqueando o acesso à porta.
— Não vais a lado nenhum.
— Então chama o teu cão.
— Não.
— Ótimo. — Ash olhou para o braço direito, para a tatuagem de um dragão que o cobria do ombro ao pulso. — Simi — ordenou — Assume forma humana.

O dragão ergueu-se da pele, assumindo a forma de uma jovem demónio, que não tinha sequer um metro de altura. Esta pairou sem esforço à sua direita.

Nesta encarnação, as suas asas eram azul-escuras e pretas, embora normalmente ela as preferisse bordô. A tonalidade mais escura das asas, combinada com a cor dos olhos, diziam-lhe o quão infeliz Simi se sentia por se descobrir no Olimpo.

Os olhos dela estavam brancos, raiados de vermelho, e o seu longo cabelo louro flutuava em seu redor. Tinha chifres pretos, mais belos do que sinistros, e orelhas pontiagudas. O esvoaçante vestido vermelho envolvia-lhe o corpo esguio e musculoso, que conseguia moldar em qualquer tamanho entre três centímetros e dois metros e quarenta, quando em forma humana, e vinte e quatro metros, enquanto dragão.

— Não! — exclamou Ártemis, tentando usar os seus poderes para conter o demónio Charonte. Estes não tiveram qualquer efeito sobre Simi que só podia ser evocada e controlada por Ash ou pela mãe deste.

— Quê que queres, *akri*? — perguntou Simi a Ash.

— Mata Tánatos.

Simi mostrou as presas, enquanto esfregava as mãos uma na outra, alegremente, e dirigia a Ártemis um sorriso maldoso.

— Oh, que bom! Posso deixar a deusa ruiva furiosa!

Ártemis olhava desesperadamente para Ash.

— Volta a colocá-la no teu braço.

— Esquece, Ártemis. Não és a única capaz de dar ordens a um assassino. Pessoalmente, acho que seria muito interessante ver quanto tempo é que o teu Tánatos se aguentaria contra a minha Simi.

O rosto de Ártemis empalideceu.

— Não vai durar muito, *akri* — disse Simi a Ash, usando o termo atlante para “dono e senhor”. A voz dela era calma mas poderosa e tinha uma sonoridade cantada deveras musical. — O Tánatos é churrasco. — Sorriu a Ártemis. — E eu gosto do meu churrasco. Diz-me apenas como o queres, *akri*, receita normal ou extra estaladiço? Eu prefiro extra estaladiço. Fazem mais barulho quando fritos a altas temperaturas. O que me lembra, preciso de pão ralado.

Ártemis engoliu em seco, de forma audível.
— Não podes mandar isso atrás dele. Sem ti é incontrolável.
— Ela faz o que lhe digo que faça.
— Essa coisa é uma ameaça, com ou sem ti. Zeus não permita que alguma vez ande sozinha pelo mundo humano.
Ash escarneceu.
— É uma ameaça menor do que tu e está constantemente a sair sozinha.
— Não posso acreditar que a libertasses de forma tão descuidada. Em que é que estavas a pensar?
Enquanto discutiam, Simi flutuava pela divisão, apontando uma lista num pequeno caderno de cabedal.
— Oh, vamos ver, preciso do meu molho de churrasco. Um par de luvas de forno, sem dúvida, porque ele vai ficar quente depois de ser assado na chama. Tenho de arranjar umas quantas macieiras para tirar a madeira e fazer com que a carne fique boa e a saber a maçã. Para lhe dar aquele gostinho extra, porque eu não gosto do sabor a *daemon*. Blah!
— O que é que aquilo está a fazer? — perguntou Ártemis, quando compreendeu que Simi estava a falar sozinha. — Parece que o vai comer.
— Provavelmente.
Ártemis semicerrou os olhos.
— Isso não pode comê-lo. Proíbo-o.
Ash soltou uma gargalhada curta e sinistra.
— Ela pode fazer o que quiser. Ensinei-lhe que no poupar é que está o ganho.
Simi fez uma pausa e ergueu os olhos da sua lista, para brindar Ártemis com uma fungadela.
— A Simi é amiga do ambiente. Come tudo, exceto cascos. Não gosto deles, magoam os meus dentes. — Olhou para Ash. — O Tánatos não tem cascos, pois não?
— Não, Simi, não tem.
Simi gritou de felicidade.
— Oh, esta noite vou comer bem! Tenho um *daemon* para o churrasco. Posso ir agora, *akri*? Posso? Posso? Posso, por favor? — Simi saltitava, como uma criança pequena e alegre numa festa de aniversário.
Ash fitava Ártemis.
— Depende inteiramente de ti, Artie. Ele viverá ou morrerá, dependendo da tua palavra.
— Não, *akri*! — gemeu Simi depois de uma breve pausa provocada pelo choque. Soava como se estivesse a sentir dor. — Não lhe pergunes isso. Ela nunca me deixa divertir. É uma deusa má!

Ash sabia o quanto Ártemis odiava que ele ganhasse uma discussão. Os olhos dela faiscavam com a raiva contida a muito custo.

— O que queres que faça?

— Dizes que o Zarek não merece viver, que representa uma ameaça para os outros. Tudo o que peço é que deixes que Témis o julgue. Se o seu juiz decidir que Zarek é um perigo para os que o rodeiam, eu mesmo enviarei Simi para pôr um fim à sua vida.

Simi expôs as presas a Ártemis, enquanto ambas trocavam fortes ros-nidos.

Por fim, Ártemis voltou para ele o olhar.

— Muito bem, mas não confio no teu demónio. Ordenarei ao Tánatos que recue, mas quando Zarek for julgado culpado, re-enviarei Tánatos para acabar com ele.

— Simi — disse Ash à sua companheira Charonte. — Regressa a mim.

Ela pareceu enojada pela simples ideia.

— “Regressa a mim, Simi” — imitou Simi, enquanto mudava de forma. — “Não frites a deusa. Não frites o Tánatos.” — Resfolegou de forma estranha, como se fosse um cavalo. — Não sou um ioiô, *akri*. Sou uma Simi. Odeio quando me deixas entusiasmada com a perspectiva de matar alguma coisa e depois me dizes que não. Não gosto disso. É chato. Já não me deixas divertir.

— Simi — disse ele, frisando o nome dela.

O demónio fez beicinho, depois voou para o lado do seu corpo e regressou ao seu braço sob a forma de um pássaro estilizado na zona do bíceps.

Ash passou a mão pela pequena queimadura que sentia sempre que Simi deixava ou regressava à sua pele.

Ártemis fitava com malícia a nova forma de Simi. Depois, colocou-se atrás dele e encostou-se às suas costas enquanto passava uma mão sobre a imagem de Simi.

— Um dia destes vou descobrir uma forma de te livrar dessa besta que descansa no teu braço.

— Claro que vais — disse ele, obrigando-se a suportar o toque de Ártemis, enquanto ela respirava sobre a sua pele e se encostava às suas costas. Era algo que Ash nunca fora capaz de tolerar com facilidade e ela sabia como ele o odiava.

Olhou para ela por cima do ombro.

— E um dia, hei de descobrir uma forma de me livrar da besta que descansa nas minhas costas.

...

ASTRID estava sentada sozinha, no átrio, a ler o seu livro favorito, *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry. Por muitas vezes que o lesse, descobria sempre nele algo de novo.

E, naquele dia, precisava de descobrir algo bom. Algo que a ajudasse a recordar que havia beleza no mundo. Inocência. Alegria. Felicidade.

Acima de tudo, queria encontrar esperança.

Uma brisa suave e gentil erguia-se do rio com cheiro a lilás, passando pelas colunas de mármore dóricas e atravessando a cadeira de verga branca onde estava sentada. As suas três irmãs tinham estado junto dela, durante algum tempo, mas mandara-as embora.

Nem mesmo elas a podiam confortar.

Cansada e desiludida, procurara conforto no seu livro. Nele, via bondade, uma bondade em falta nas pessoas que conhecera durante a sua vida.

Não haveria decência? Bondade?

Teria a humanidade conseguido, por fim, destruí-las?

As suas irmãs, por muito que as amasse, eram tão cruéis como qualquer outra pessoa; absolutamente indiferentes a quaisquer súplicas e ao sofrimento de qualquer pessoa que não fosse da sua família.

Já nada as tocava.

Astrid não se lembrava da última vez que chorara. Da última vez que rira.

Agora estava dormente.

A dormência era a praga dos da sua espécie. A irmã Atty avisara-a, há muito tempo, que se escolhesse ser juíza este dia chegaria.

Jovem, vaidosa e tonta, Astrid tinha ignorado tomente o aviso, pensando que isso nunca lhe aconteceria.

Jamais se tornaria indiferente às pessoas ou à sua dor.

Contudo, agora, só os livros lhe permitiam sentir as emoções dos outros. Mesmo que não as pudesse “sentir”, de facto, as emoções irreais e silenciosas das personagens traziam-lhe algum conforto.

E, se fosse capaz, isso fá-la-ia chorar.

Astrid ouviu alguém aproximar-se atrás de si. Não querendo que ninguém visse o que estava a ler, não lhe fossem perguntar porquê, obrigando-a a admitir que perdera a sua compaixão, Astrid escondeu o livro sob a almofada da cadeira. Voltou-se e viu a mãe a atravessar o relvado bem cuidado, onde pastava um pequeno grupo de três corças malhadas.

A mãe não se encontrava sozinha.

Ártemis e Acheron estavam com ela.

O longo cabelo ruivo da mãe estava solto, envolvendo-lhe o rosto que não parecia ter mais de trinta anos. Témis envergava uma camisa de manga curta, feita por medida, e calças largas caqui.

Nunca ninguém a tomaria pela deusa grega da justiça.

Ártemis envergava um clássico *peplos* grego, enquanto Acheron trazia as suas características calças pretas de cabedal e uma *t-shirt* preta. O comprido cabelo louro caía, solto, em redor dos ombros.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha, o que acontecia sempre que Acheron se aproximava. Havia nele algo de envolvente e irresistível.

Mas também aterrorizante.

Nunca conhecera ninguém como ele. Era atraente, de uma forma que desafiava qualquer explicação. Era como se a sua simples presença enchesse todos os que o rodeavam de um tão forte desejo que era difícil olhá-lo sem querer rasgar-lhe as roupas, atirá-lo ao chão e fazer amor com ele, durante séculos sem fim.

Mas havia nele mais do que atração sexual. Havia também algo antigo e primevo. Algo tão poderoso que até os deuses o temiam.

Até era possível ver esse medo nos olhos de Ártemis, enquanto esta avançava ao seu lado.

Ninguém sabia qual a natureza do relacionamento dos dois. Nunca se tocavam, raramente olhavam um para o outro. E, no entanto, Acheron visitava-a muitas vezes no seu templo.

Quando Astrid era pequena, ele também a costumava visitar. Brincava com ela e ensinava-a a lidar com os seus poderes muito limitados. Trouxera-lhe incontáveis livros, tanto do passado como do futuro.

De facto, fora Acheron quem lhe dera *O Príncipezinho*.

Essas visitas tinham cessado quase por completo no dia em que atingiu a puberdade e compreendeu como Acheron era um homem desejável. Nessa altura afastara-se dela, erguendo uma parede quase tangível entre ambos.

— A que devo a honra? — perguntou Astrid quando os três a rodearam.

— Tenho uma tarefa para ti, minha querida — respondeu-lhe a mãe. Astrid dirigiu-lhe uma expressão cheia de dor.

— Pensei que tínhamos acordado que eu podia fazer uma pausa.

— Oh, vamos, Astrid — disse Ártemis. — Preciso de ti, priminha. — Lançou um olhar maldoso na direção de Acheron. — Há um Predador da Noite que precisa de ser abatido.

O rosto de Acheron permanecia impassível, enquanto fitava Astrid sem tecer qualquer comentário.

Astrid suspirou. Não queria fazer aquilo. Demasiados séculos passados a julgar os outros tinham-na deixado emocionalmente falida. Começava a desconfiar que não mais seria capaz de sentir a dor de alguém.

Nem mesmo a sua.

A falta de compaixão fora a desgraça das suas irmãs. Agora temia que fosse, também, a sua ruína.

— Há outros juízes.

Ártemis suspirou desagradada.

— Não confio neles. São uns corações moles que tanto o podem considerar inocente como culpado. Preciso de um juiz duro e imparcial que não possa ser impedido de fazer a coisa certa e necessária. Preciso de *ti*.

Os pelos na parte de trás do seu pescoço eriçaram-se. Astrid desviou o olhar de Ártemis para Acheron, que permanecia de pé com os braços cruzados sobre o peito. Fitando-a sem vacilar, observava Astrid com aqueles olhos prateados, estranhos e em turbilhão.

Aquela não era a primeira vez que lhe pediam que julgasse um Predador da Noite malvado e, no entanto, desta vez, sentia algo diferente em Acheron.

— Acreditas que ele é inocente? — perguntou.

Acheron acenou.

— Ele não é inocente — rosnou Ártemis. — Mataria qualquer ser ou qualquer coisa sem hesitar. Não tem sentido de moral, nem se preocupa com ninguém para além de si mesmo.

Acheron dirigiu a Ártemis um olhar espantado que dizia que aquelas palavras lhe recordavam uma outra pessoa que conhecia.

Quase conseguiu trazer um sorriso aos lábios de Astrid.

Enquanto a mãe se mantinha afastada, para lhes dar espaço, Acheron agachou-se junto da cadeira de Astrid e cruzou o seu olhar com o dela, ao mesmo nível.

— Sei que estás cansada, Astrid. Sei que queres desistir, mas não confio em mais ninguém para o julgar.

Astrid franziu o sobrolho, ouvindo-o falar de coisas que não contara a ninguém. Ninguém sabia que ela queria desistir.

Ártemis dirigiu a Acheron um olhar cínico.

— Porque é que estás a aceitar tão bem a minha escolha do juiz? Em toda a história do mundo, ela nunca considerou ninguém inocente.

— Eu sei — disse ele, com aquela voz rica e profunda que era ainda mais sedutora do que o seu incrível bom aspeto. — Mas confio nela para fazer o que está certo.

Ártemis semicerrou os olhos.

— Que truque planeaste?

O rosto dele mantinha-se absolutamente impassível, enquanto continuava a observar Astrid com uma intensidade enervante.

— Nada.

Astrid considerou aceitar a missão, apenas por causa de Acheron. Ele

nunca antes lhe pedira nada e ela lembrava-se bem de todas as vezes em que a confortara quando ela era pequena. Fora, para ela, como um pai e um irmão mais velho.

— Durante quanto tempo tenho de ficar? — perguntou-lhes. — Se for e descobrir que o Predador da Noite se encontra para lá de qualquer possibilidade de redenção, posso partir de imediato?

— Sim — disse Ártemis. — De facto, quanto mais cedo o julgares culpado, melhor para todos nós.

Astrid voltou-se para o homem ao seu lado.

— Acheron?

Ele acenou o seu consentimento.

— Respeitarei o que decidires.

Ártemis resplandeceu.

— Temos, então, o nosso pacto, Acheron. Dei-te um juiz.

Um pequeno sorriso brincou nos cantos dos lábios de Acheron.

— Deste, de facto.

De súbito, Ártemis pareceu nervosa. O seu olhar saltava de Acheron para Astrid e, de volta, a Acheron.

— O que é que tu sabes, que eu não sei? — perguntou-lhe.

Os olhos pálidos, em turbilhão, de Acheron atravessaram Astrid, enquanto dizia, calmamente:

— Sei que a Astrid guarda uma profunda verdade dentro de si.

Ártemis pousou as mãos nas ancas.

— Que é?

— “Só com o coração se pode ver, de verdade. O que é essencial permanece invisível ao olhar.”

Um novo arrepio percorreu a espinha de Astrid, enquanto Acheron citava a parte de *O Príncipezinho* que ela estivera a ler quando eles se aproximaram.

Como poderia ele saber o que ela estivera a ler?

Olhou para baixo, para se assegurar de que o livro estava completamente escondido.

Estava.

Oh, sim, Acheron Parthenopaeus era um homem assustador.

— Tens duas semanas, filha — disse a mãe, calmamente. — Se demorares menos tempo, assim seja. Mas, ao fim desses quinze dias, de uma forma ou de outra, o destino de Zarek será selado pela tua mão.

Capítulo

DOIS

ZAREK praguejou quando a bateria do seu leitor de MP3 descarregou por completo. Mas que sorte!

Ainda se encontrava a uma boa hora do local da aterragem e a última coisa que queria era ouvir Mike, no *cockpit* do helicóptero, a resmungar e a queixar-se, num sussurro, por ter de o conduzir de volta ao Alasca. Embora trinta centímetros de aço negro e sólido separassem o compartimento sem sol e sem luz, onde Zarek se encontrava, de Mike, ele conseguia ouvir através das paredes como se Mike estivesse sentado ao seu lado.

Pior, Zarek odiava ficar enclausurado no pequeno compartimento do passageiro que parecia fechar-se sobre si. Sempre que se movia batia com um braço ou uma perna contra a parede. Mas, como estavam a voar através da luz do dia, a sua escolha cingia-se ao cubo ou à morte.

Por uma qualquer razão, que não sabia exatamente qual era, Zarek tinha escolhido o cubo.

Retirou os auscultadores e os seus ouvidos foram imediatamente assaltados pelo bater ritmado das lâminas do helicóptero, dos fortes ventos de inverno e do diálogo de Mike através do rádio cheio de estática.

— Então, fizeste-o?

Zarek arqueou uma sobrancelha ao escutar a voz masculina, ansiosa e estranha.

Ah, a beleza dos seus poderes! Tinha uma audição que faria inveja ao Super-Homem. E sabia qual o tópico da discussão...

Ele.

Ou antes, a sua morte.

Tinha sido oferecida a Mike uma fortuna para o matar e, desde a partida de Nova Orleães, há cerca de doze horas, que Zarek estava à espera que o Escudeiro de meia-idade abrisse as janelas seladas e o expusesse à mortal luz do sol ou que ejetasse o compartimento e o largasse sobre qualquer coisa capaz de lhe arrancar a imortalidade.

Em vez disso, Mike estava a gozar com ele e ainda não carregara no botão. Não que Zarek se importasse. Ainda tinha uns quantos truques para ensinar ao Escudeiro, se este tentasse alguma coisa.

— Nah — disse Mike enquanto o helicóptero mergulhava para a esquerda, uma vez mais sem aviso, lançando Zarek contra a parede do compartimento. Começava a desconfiar que o piloto só fazia aquilo para o arrear e dar umas gargalhadas.

O helicóptero inclinou-se mais uma vez, enquanto Zarek se segurava.

— Pensei nisso, mesmo muito, mas, sabes, cheguei à conclusão que fritar este filho da mãe seria bom de mais para ele. Prefiro deixá-lo para os Escudeiros dos Ritos de Sangue, para que tratem dele de forma lenta e dolorosa. Pessoalmente, gostava de ouvir o “psico-parvo” a gritar por misericórdia, em especial depois do que ele fez àqueles pobres polícias inocentes.

O músculo da mandíbula de Zarek começou a latejar em sincronia com o seu batimento cardíaco, rápido e furioso, enquanto escutava. Sim, aqueles polícias eram muito inocentes, sim senhor. Se Zarek fosse mortal, a tarefa que lhe deram tê-lo-ia morto ou deixado em coma.

A voz voltou a fazer-se ouvir através do rádio.

— Fiquei a saber pelos Oráculos que Ártemis vai pagar em dobro ao Escudeiro que o matar. Junta isso ao que o Dionísio te ia pagar por o matares e, pessoalmente, acho que és um idiota por desperdiçares a oportunidade.

— Sem dúvida, mas tenho dinheiro suficiente para não me preocupar. Além disso, fui eu que tive que aturar a atitude e o desprezo do idiota. Ele acha-se tão mau. Quero vê-los obrigarem-no a rebaixar-se um pouco antes de lhe cortarem a cabeça.

Zarek revirou os olhos perante as palavras de Mike. Não se importava nem um pouco com o que o Escudeiro pensava de si.

Tinha aprendido há muito tempo que não valia a pena tentar falar com as pessoas.

O único resultado era mais uma pancada.

Voltou a guardar o leitor de MP3 no saco preto e fez uma careta quando o joelho entrou violentamente em contacto com a parede. Pelos deuses, como queria que o tirassem daquele local apertado e minúsculo. Sentia-se como se estivesse dentro de um sarcófago.

— Estou surpreso por o Conselho não ter ativado o estatuto de Rito de Sangue do Nick para esta caçada — disse a outra voz. — Tendo em conta que passou a última semana com Zarek, pensar-se-ia que seria uma escolha natural.

Mike fungou.

— Eles tentaram, mas o Gautier recusou.

— Porquê?

— Não faço ideia. Sabes como é o Gautier. Não é muito bom a acatar ordens. Faz-me perguntar porque é que o iniciaram como Escudeiro. Não consigo imaginar mais nenhum Predador da Noite, para além de Acheron ou Kyrian, capaz de aguentar as suas bocas.

— Sim, é um Chico esperto. E por falar nisso, o meu Predador da Noite está a mandar-me uma mensagem, por isso é melhor voltar ao trabalho. Tem cuidado com o Zarek e não te metas no seu caminho.

— Não te preocupes. Vou largá-lo e deixá-lo para ser seguido pelos outros, depois vou pôr-me andar do Alasca mais depressa do que és capaz de dizer “Rumpelstiltskin”.

O rádio apagou-se com um clique.

Zarek sentou-se, completamente imóvel na escuridão, e escutou a respiração de Mike no *cockpit*.

Então o cretino tinha mudado de ideias em relação a matá-lo.

Bem, bom para ele. Tinham finalmente crescido um par de tomates e meio cérebro ao Escudeiro. A certa altura, no decurso das últimas horas, Mike devia ter decidido que o suicídio não era a resposta.

Por isso, Zarek deixá-lo-ia viver.

Mas fá-lo-ia sofrer em troca do privilégio.

E que os deuses ajudassem todos os outros que vinham atrás dele. No chão gelado que constituía o interior do Alasca, Zarek era invencível. Ao contrário dos outros Predadores da Noite e Escudeiros, tinha passado por novecentos anos de treino de sobrevivência no ártico. Novecentos anos em que não existira nada para além dele e da paisagem selvagem e desconhecida.

Claro, Acheron visitava-o uma vez a cada década, ou assim, só para ter a certeza de que continuava vivo, mas nunca mais ninguém o fora visitar.

E as pessoas ainda se perguntavam porque é que ele era louco.

Até há cerca de dez anos, não tivera qualquer contacto com o mundo exterior durante os longos meses de verão que o obrigavam a permanecer escondido na sua remota cabana.

Sem telefone, sem computador, sem televisão.

Nada para além da solidão silenciosa, em que lia e relia a mesma pilha de livros, vezes sem conta, até os ter memorizado. Esperando ansio-

samente que as noites crescessem o suficiente para lhe ser possível viajar da sua cabana rural até Fairbanks, enquanto as lojas ainda estavam abertas, e poder interagir com outras pessoas.

Agora que pensava nisso, só há cerca de século e meio é que a área se tornara suficientemente populosa para lhe permitir qualquer contacto humano.

Antes disso, durante séculos incontáveis, vivera sozinho, sem qualquer outro ser humano nas redondezas. Só ocasionalmente conseguia um vislumbre dos nativos que se sentiam aterrorizados ao descobrir um homem estranho, caucasiano, alto e de presas afiadas, a viver numa floresta remota. Olhavam uma vez para os seus dois metros e três de altura e para o seu casaco de pele de boi almiscarado e, depois, corriam tão depressa quanto eram capazes, na direção contrária, gritando que o *Iglaaq* os ia apanhar. Supersticiosos até mais não, tinham construído toda uma lenda em torno dele.

Restavam apenas as raras visitas de *daemon* de inverno, que se aventuravam nos bosques para poderem dizer que tinham enfrentado o Predador da Noite lunático. Infelizmente, estavam mais interessados em lutar do que em conversar, pelo que tais relacionamentos tinham sido sempre breves. Alguns minutos de combate, para aliviar a monotonia e, depois, ficava de novo sozinho com a neve e os ursos.

E nem sequer eram ursos-homens.

As cargas magnéticas e elétricas da aurora boreal tornavam quase impossível a um Predador do Homem aventurar-se tão a norte. Também lançava o caos nas ligações eletrónicas e satélite, deixando-o periodicamente incapaz de comunicar, de tal forma que, mesmo no mundo moderno, Zarek permanecia dolorosamente só.

Afinal de contas, talvez tivesse sido melhor se tivesse deixado que o matassem.

E, no entanto, acabava sempre por continuar. Mais um ano, mais um verão.

Mais um *blackout* nas comunicações.

A sobrevivência básica fora tudo o que Zarek alguma vez conhecera.

Engoliu em seco ao recordar Nova Orleães.

Como adorara a cidade. A vibração, o calor. A mistura de cheiros, imagens e sons exóticos. Perguntou-se se as pessoas que lá residiam teriam noção da sua sorte. De como eram privilegiadas por serem abençoadas com uma cidade tão maravilhosa.

Mas isso era o passado. Tinha lixado as coisas de tal forma que não teria qualquer hipótese de Ártemis ou Acheron lhe permitirem regressar a uma área povoada onde pudesse interagir com grandes multidões.

Eram apenas ele e o Alasca, para toda a eternidade. Na verdade, restava-lhe esperar por uma grande explosão demográfica mas, tendo em conta a severidade do clima, isso era quase tão provável como mandarem-no para o Havai.

Com esse pensamento ainda presente, começou a retirar do saco o equipamento para a neve e a colocá-lo. Chegaria no início da manhã, ainda escuro, mas a madrugada não estaria muito longe. Teria de se apressar, para conseguir regressar à sua cabana antes do nascer do sol.

Quando terminou de esfregar vaselina na pele e de vestir as ceroulas, a camisola de gola alta preta, o longo casaco de boi almiscarado e as botas de inverno impermeáveis, já conseguia sentir o helicóptero a fazer a sua descida em direção a terra.

Instintivamente, Zarek percorreu as armas que se encontravam no saco. Tinha aprendido, há muito tempo, a transportar consigo uma grande variedade de ferramentas. O Alasca era um local duro para se viver sozinho e nunca se sabia quando se podia encontrar algo mortal.

Séculos antes, Zarek decidira tornar-se o ser mais mortífero da tundra.

Assim que aterraram, Mike desligou o motor e esperou que as lâminas parassem de girar antes de sair; praguejou perante a temperatura gélida e abriu a porta da parte de trás do helicóptero. Mike olhou Zarek de cima a baixo, com um sorriso repugnante, enquanto se afastava para que este tivesse espaço suficiente para sair do helicóptero.

— Bem-vindo a casa — disse Mike com uma nota de venenosa satisfação na voz. O cretino estava a gostar da ideia de os Escudeiros o perseguirem e desmembrarem.

Bom, Zarek também.

Mike soprou para as mãos enluvadas.

— Espero que esteja tudo conforme te recordavas.

Estava. Nunca nada mudava por ali.

Zarek piscou os olhos perante o brilho da neve, mesmo na escuridão que antecedia a madrugada. Colocou os óculos sobre os olhos, para os proteger, e saiu. Agarrou no saco, lançou-o por cima do ombro, depois avançou através da neve fofa na direção do barracão com controlo climático onde deixara o seu Ski-Doo MX Z Rev, feito por encomenda, na semana anterior.

Oh, sim, aquelas eram as temperaturas geladas de que se recordava, o ar do ártico que mordida tão ferozmente que todos os pedaços de pele exposta lhe ardiam. Cerrou os dentes para impedir que batessem, algo que não era nada agradável quando se tinha presas longas e afiadas em vez de dentes.

Bem-vindo a casa...

Mike estava a regressar ao *cockpit* quando Zarek se voltou para olhar para ele.

— Hei, Mike — chamou, a voz ressoando através do silêncio frio.

Mike parou.

— Rumpelstiltskin — disse, antes de lançar uma granada para debaixo do helicóptero.

Mike soltou uma praga fétida, enquanto saltava através da neve, tão depressa quanto possível, tentando chegar a um local abrigado.

Pela primeira vez em muito tempo, Zarek sorriu perante a imagem do Escudeiro irado e o som da neve sob os pés apressados de Mike.

O helicóptero explodiu no preciso instante em que Zarek chegava à sua mota de neve. Lançou uma das pernas longas, envoltas pelas calças de cabedal, sobre o assento negro e olhou para trás, para as peças metálicas do helicóptero Sikorsky de três milhões de dólares que choviam, em chamas, sobre a neve.

Ah, fogo-de-artifício! Como gostava disso. A imagem era quase tão bela como a da aurora boreal.

Mike ainda praguejava e saltava como uma pequena criança zangada, enquanto via o seu bebé feito por medida desaparecer por entre as chamas.

Zarek ligou o motor e acelerou na direção de Mike, não sem antes ter largado uma outra granada para destruir o barracão, impedindo assim que o Escudeiro o utilizasse.

Enquanto a moto de neve vibrava em ponto morto debaixo de si, puxou o cachecol para que Mike o pudesse compreender enquanto falava.

— A cidade fica a seis quilómetros naquela direção — disse, apontando para sul. Lançou a Mike uma pequena bisnaga de vaselina. — Mantém os lábios tapados para que não sangrem.

— Devia ter-te morto — rosnou Mike.

— Sim, devias. — Zarek tapou o rosto e acelerou. — Já agora, se por acaso encontrares lobos no bosque, lembra-te, são mesmo lobos e não Predadores do Homem à caça. Além disso, viajam em matilhas, por isso, se ouvires um, vêm mais atrás dele. O meu conselho é subires a uma árvore e esperares que eles se aborream antes que chegue um urso que decida trepar atrás de ti.

Zarek virou a mota de neve e dirigiu-se para noroeste, onde a sua cabana o esperava no meio de metro e meio quadrado de floresta.

Provavelmente devia sentir-se culpado pelo que fizera a Mike, mas não sentia. O Escudeiro tinha acabado de aprender uma lição valiosa. Da próxima vez que Ártemis ou Dionísio lhe fizessem uma oferta, ele aceitá-la-ia.

Zarek rodou o pulso, concedendo mais velocidade à mota de neve,

enquanto esta saltava através do caminho irregular e coberto de neve. Ainda tinha um longo caminho a percorrer até chegar a casa e o seu tempo estava a chegar ao fim.

O nascer do dia estava a chegar.

Maldição. Devia ter levado o Mach Z. Era mais manobrável e rápido do que o MX Z Rev onde se encontrava, mas nem de perto tão divertido.

Zarek tinha frio, fome, estava cansado e, estranhamente, tudo o que desejava era regressar às coisas que lhe eram familiares.

Se os outros Escudeiros o quisessem caçar, que assim fosse. Pelo menos estava avisado.

E, como o helicóptero e o barracão o tinham provado, armado.

Se o quisessem apanhar, desejava-lhes boa sorte. Iam precisar dela e de muitos reforços.

Chegou à sua cabana isolada mesmo antes do nascer do sol. Tinha caído mais neve durante a sua ausência, bloqueando a porta. Estacionou a mota de neve no pequeno barracão adjacente à cabana e cobriu-a com uma lona. Quando se preparava para ligar o aquecedor para o motor, percebeu que a tomada não estava a libertar energia nem para o MX nem para o Mach estacionado ao seu lado.

Rosnou de raiva. Maldição. Sem dúvida o bloco do Mach tinha rachado devido às temperaturas geladas e, se não tivesse cuidado, também o motor do MX racharia.

Zarek apressou-se para o exterior, para verificar os geradores antes que o sol se erguesse sobre os montes, tendo descoberto que ambos tinham congelado e não estavam a funcionar.

Voltou a rosnar, batendo num com um punho fechado.

Bem, lá se fora o conforto. Parecia que nesse dia, teria apenas por companhia o pequeno fogão a lenha. Não era a melhor fonte de calor, mas era o melhor que ia conseguir.

— Maravilhoso, simplesmente maravilhoso — murmurou. Não era a primeira vez que era forçado a dormir no chão gelado da sua cabana. Decerto não seria a última.

Só parecia pior porque passara a última semana no clima ameno de Nova Orleães. Tinha estado tanto calor durante a sua presença, que nem precisara de usar o aquecimento.

Como tinha saudades daquele sítio.

Sabendo que o seu tempo antes do nascer do sol se estava a tornar perigosamente curto, arrastou-se até à mota de neve e tapou o motor com o seu próprio casaco, por forma a preservar tanto calor quanto possível. Depois retirou o saco do banco e dirigiu-se para a porta, que teria de desenterrar antes de poder entrar na cabana.

Baixou-se ao atravessá-la e manteve a cabeça baixa. O teto era baixo, tão baixo que, se se endireitasse, o cimo da sua cabeça o tocaria, e, se não estivesse atento, a ventoinha de teto no centro da divisão decapitá-lo-ia.

Mas o teto baixo era necessário. O calor no pino do inverno era um bem valioso e a última coisa que alguém desejava era que este se acumulasse sob um teto de três metros. Um teto mais baixo significava um espaço mais quente.

Já para não falar do facto de, há novecentos anos, quando fora banido para aquele local, não ter muito tempo para construir o seu abrigo. Dormindo numa gruta durante o dia, trabalhara na sua cabana durante a noite até ter, por fim, construído o seu Lar Amargo Lar.

Sim, era bom estar de volta...

Zarek largou o saco junto ao fogão a lenha. Depois voltou-se e colocou um antiquado ferrolho de madeira nos seus apoios da porta, para impedir a entrada da vida selvagem do Alasca que, por vezes, se aventurava demasiado perto da sua cabana.

Tateando o caminho ao longo da parede gravada, descobriu a lanterna que aí se encontrava pendurada e a pequena caixa de fósforos que lhe estava presa. Embora a sua visão de Predador da Noite tivesse sido concebida para as horas noturnas, não era capaz de ver na escuridão absoluta. Com a porta fechada, a sua cabana estava de tal forma selada que luz alguma atravessava as suas grossas paredes de madeira.

Acendendo a lanterna, tremeu de frio, enquanto se voltava para olhar o interior da sua casa. Conhecia bem cada centímetro dela. Todas as prateleiras que enchiam as paredes, todos os desenhos feitos à mão que as decoravam.

Nunca tivera muito mobiliário. Dois móveis altos, um para as roupas e outro para a comida. Havia também um apoio para a televisão e as prateleiras para os livros, e era tudo. Antigo escravo romano, Zarek não estava habituado a muito.

Estava tanto frio lá dentro que era capaz de ver a sua respiração, mesmo através do cachecol e, ao olhar à sua volta, sorriu para o computador e a televisão, que teriam de ser descongelados antes de poderem voltar a ser usados.

Isso se não tivesse entrado humidade.

Sem vontade de se preocupar com isso, avançou até à dispensa, no fundo da divisão, onde não guardava mais nada senão alimentos enlatados. Tinha aprendido há muito que, se os ursos e os lobos cheirassem a comida, depressa lhe fariam uma visita indesejada. Não tinha qualquer desejo de os matar só porque tinham fome e eram burros.

Zarek agarrou numa lata de carne de porco com feijões e no abre-la-

tas e sentou-se no chão. Mike tinha-se recusado a alimentá-lo durante as treze horas de viagem desde Nova Orleães até Fairbanks. Alegara que não se queria arriscar a expor Zarek à luz do sol para o alimentar.

Na verdade, o Escudeiro era um idiota e a fome não era nada de novo para Zarek.

— Ah, maravilha — murmurou ao abrir a lata e descobrir os feijões congelados no seu interior. Considerou ir buscar o picador de gelo, depois mudou de ideias. Não estava com fome suficiente para se sentir tentado por um gelado de carne de porco com feijões.

Suspirou com desagrado, depois abriu a porta e lançou a lata, tão longe quanto possível, para o interior do bosque.

Batendo a porta antes que a luz do sol entrasse, Zarek vasculhou através do saco até ter descoberto o telemóvel, o leitor de MP3 e o portátil. Meteu o telefone e o MP3 dentro das calças para que o calor do seu corpo os impedisse de congelar. Depois pousou o portátil, que teria de esperar que conseguisse acender o fogão a madeira.

Dirigiu-se ao canto oposto ao fogão e agarrou numa mão cheia de figuras de madeira feitas à mão que aí se encontravam empilhadas e voltou para trás para as colocar no interior do fogão.

Assim que abriu a pequena porta de metal, estacou.

No interior encontrava-se uma pequena marta, com três crias recém-nascidas. A mãe, furiosa por ter sido perturbada, silvou-lhe em aviso, enquanto olhavam um para o outro.

Zarek silvou-lhe em resposta.

— Meu, não acredito nisto — resmungou Zarek zangado.

A marta devia ter entrado através da chaminé, tendo-se ali instalado durante a sua ausência. Provavelmente o fogão ainda estava quente quando o encontrou e era um local muitíssimo seguro para a sua toca.

— O mínimo que podias ter feito era ter trazido mais uns cinquenta amigos teus. Estou a precisar de um casaco novo.

Ela mostrou-lhe os dentes.

Irritado, Zarek fechou a porta e voltou a colocar as figurinhas na pilha ao canto da divisão. Era um idiota, mas nem mesmo ele era capaz de os expulsar. Sendo imortal, sobreviveria ao frio. A mãe e os filhotes, não.

Pegou no portátil e colocou-o dentro do casaco, para o manter quente; depois regressou ao canto mais distante, onde se encontrava a sua enxerxa. Enquanto se deitava pensou em ir dormir no subterrâneo onde estava mais quente, mas para quê preocupar-se?

Teria de desviar o fogão para ter acesso à passagem para a cave e isso incomodaria mais uma vez a mãe marta.

Naquela altura do ano, os dias eram curtos. Faltavam poucas horas

para o sol se voltar a pôr e ele estava mais do que acostumado àquela terra árida e gelada.

Assim que pudesse, viajaria até à cidade em busca de mantimentos e de um novo gerador. Puxando as mantas e as peles para cima de si, soltou um suspiro longo e cansado.

Zarek fechou os olhos e deixou que a mente viajasse pelos acontecimentos da última semana.

«*Obrigada, Zarek.*»

Cerrou os dentes ao recordar o rosto de Sunshine Runningwolf. Os seus grandes olhos castanho-escuros eram incrivelmente sedutores e a sua beleza estava muito longe da das modelos escanzeladas que a maior parte dos homens preferia; tinha um corpo sensual e roliço, que fazia com que ficasse duro só de estar por perto.

Devia ter dado uma dentada naquele pescoço, quando teve oportunidade. Ainda não sabia ao certo porque não tinha provado o seu sangue. Sem dúvida, tê-lo-ia mantido quente, mesmo agora.

Oh, paciência! Teria de o juntar a todos os outros arrependimentos que acumulava numa lista infinita.

Os seus pensamentos regressaram a ela...

Sunshine tinha aparecido na sua casa, em Nova Orleães, de forma inesperada, enquanto ele esperava por Nick, para que este o levasse até ao helicóptero.

O cabelo negro estava entrançado e os olhos castanhos fitavam-no com uma amizade que ele nunca vira nos olhos de quem o olhava.

— Não posso ficar durante muito tempo. Não quero que o Talon acorde e descubra que saí mas, antes que fosses embora, queria agradecer-te pelo que fizeste por nós.

Ele ainda não sabia porque a tinha ajudado e a Talon. Porque tinha desafiado Dionísio e lutado contra o deus, quando este os tentara destruir aos dois.

Pela felicidade deles, tinha-se condenado à morte.

Mas, ao olhar para ela no dia anterior, tudo tinha parecido ter valido a pena.

E, enquanto permitia que o sono o tomasse, perguntou-se se ainda pensaria o mesmo quando os Escudeiros descobrissem a sua cabana e lhe pegassem fogo com ele lá dentro.

Fungou com a ideia. Que diabo? Pelo menos estaria quente durante alguns minutos antes de morrer.

ZAREK não sabia ao certo quanto tempo tinha dormido. Quando acordou já estava escuro outra vez.

Com sorte, não tinha dormido durante tanto tempo, que a mota de neve tivesse congelado. Se assim fosse, esperava-o uma longa e fria caminhada até à cidade.

Rebolou e fez uma careta de dor. Estivera deitado sobre o portátil. Já para não falar no telefone e no MP3, que estavam a morder algo ainda mais desconfortável.

Tremendo com o frio gelado, obrigou-se a levantar e retirou mais um casaco do guarda-fatos. Uma vez preparado para o clima, saiu para o exterior e dirigiu-se à garagem improvisada. Colocou o portátil, o telefone e o leitor de MP3 na mochila e atirou-a para cima dos ombros; depois montou a mota de neve e desembrulhou o motor.

Felizmente, pegou à primeira tentativa. Aleluia! Talvez a sua sorte sempre estivesse a mudar. Ninguém o tostara enquanto estava a dormir e até tinha combustível suficiente para regressar a Fairbanks, onde podia arranjar comida quente e descongelar durante alguns minutos.

Agradecido por aquelas pequenas bênçãos, atravessou as suas terras e voltou para sul, realizando a longa e acidentada viagem que o levaria até à civilização.

Não que se importasse. Estava demasiado agradecido por existir uma civilização para onde se dirigir.

Zarek chegou à cidade pouco depois das seis.

Estacionou a mota de neve na casa de Sharon Parker, situada perto do centro da cidade. Tinha conhecido a ex-criada de mesa há cerca de dez anos, quando a descobriu, no carro avariado, noite cerrada, na berma de uma estrada secundária raramente utilizada no Polo Norte.

Estavam cerca de quinze graus negativos e ela estava a chorar, enrolada debaixo de uns cobertores, temendo que ela e o seu bebé estivessem destinados a morrer antes que chegasse qualquer ajuda. A sua filha, de sete meses de idade, estava doente com asma e Sharon estava a tentar levá-la para o hospital, onde receberia tratamento respiratório, mas tinham recusado admiti-la uma vez que não tinha seguro, nem dinheiro para pagar a conta.

Foi-lhe indicada uma clínica de caridade e ela tinha-se perdido ao tentar encontrá-la.

Zarek tinha-as levado de volta ao hospital e pagara os cuidados do bebé. Enquanto esperavam, descobriu que Sharon tinha sido despejada do apartamento e não tinha qualquer rendimento.

Por isso fez uma proposta a Sharon. Em troca de uma casa, um carro e algum dinheiro, ela garantia-lhe uma presença amigável com quem conversar, sempre que fosse a Fairbanks, e alguns restos ou uma refeição caseira, qualquer coisa que tivesse à mão.

Melhor de tudo, durante o verão, quando ele ficava trancado na sua cabana durante as vinte e três horas e meia em que brilhava a luz do dia, ela passava pela estação dos correios ou pela loja e levava-lhe livros e mantimentos que deixava à sua porta.

Era o melhor negócio que alguma vez fizera.

Ela nunca lhe perguntara nada pessoal, nem mesmo porque é que não deixava a sua cabana nos meses de verão. Sem dúvida estava demasiado agradecida por ter o seu apoio financeiro para se preocupar com os seus modos excêntricos.

Em troca, Zarek nunca tomara o seu sangue, nem lhe perguntara nada de pessoal. Eram apenas patrão e empregada.

— Zarek?

Ele olhou para cima, desviando os olhos do aquecedor que estava a colocar sobre o motor, para a ver a espreitar na porta da frente da sua casa tipo rancho. O cabelo castanho-escuro estava mais curto do que há um mês, quando a vira pela última vez; tinha um corte direito que oscilava em redor dos seus ombros.

Alta, magra e muitíssimo atraente, envergava uma camisola preta e umas calças de ganga. Qualquer outro tipo já teria feito o seu avanço e, certa noite, quatro anos antes, ela insinuara que, se ele alguma vez quisesse algo mais íntimo, ela lho daria de bom grado, mas Zarek tinha recusado.

Não gostava que as pessoas se aproximassem muito dele e as mulheres tinham a horrível tendência de considerar o sexo como algo com significado.

Ele não. Sexo era sexo. Era básico e animalesco. Algo de que o corpo precisava como precisa de comida. Mas um tipo não precisava de prometer a um bife que o ia namorar antes de o comer.

Então, porque é que as mulheres necessitavam de um testemunho de afeto antes de abrirem as pernas?

Ele não o entendia, de facto.

E nunca se teria envolvido com Sharon. Ter relações sexuais com ela era uma complicação extra de que não necessitava.

— Zarek, és tu?

Ele baixou o cachecol que lhe cobria o rosto e gritou.

— Sim, sou eu.

— Vais entrar?

— Estarei de volta num instante. Tenho de ir comprar algumas coisas.

Ela acenou, depois voltou para dentro e fechou a porta.

Zarek dirigiu-se até à loja, ao fundo da rua onde ela morava. A Frank's General Store vendia um pouco de tudo. E o melhor era o facto de possuir

uma larga variedade de aparelhos eletrônicos e geradores. Infelizmente, ele não a poderia usar durante muito mais tempo. Já era um cliente bastante regular há cerca de quinze anos e embora o Frank fosse um pouco burro, começara a reparar que Zarek não tinha envelhecido nada durante todo esse tempo.

Mais cedo ou mais tarde, Sharon também repararia nisso e ele teria de desistir daquele que era o seu único contacto com o mundo mortal.

Esse era o grande inconveniente da imortalidade. Não se atrevia a permanecer muito tempo perto de alguém, não fosse a pessoa descobrir o quê e quem ele era. E, ao contrário de outros Predadores da Noite, sempre que pedira um Escudeiro que o servisse e protegesse a sua identidade, o Conselho recusara-lho.

Parecia que a sua reputação era tal que ninguém queria ter o dever de o ajudar.

Ótimo. De qualquer forma nunca precisara de ninguém.

Zarek entrou na loja e demorou-se um pouco a tirar os óculos e as luvas e a desabotoar o casaco. Ouvia Frank nas traseiras a falar com um dos empregados.

— Agora escuta, miúdo. Ele é um homem um pouco estranho, mas é melhor que sejas simpático com ele, estás a ouvir? Ele gasta muito dinheiro nesta loja e eu não quero saber que seja assustador, sê simpático.

Os dois emergiram, vindos das traseiras da loja. Frank estacou, subitamente, para olhar para ele.

Zarek devolveu-lhe o olhar. Frank estava habituado a vê-lo de barbicha ou barba, o brinco com a espada e os ossos cruzados, bem como as garras de prata que usava na mão esquerda. Três coisas que Acheron lhe ordenara que abandonasse em Nova Orleães.

Sabia qual o seu aspeto, sem barba, e odiava-o. Mas, pelo menos, não tinha de olhar para si no espelho. Os Predadores da Noite só tinham reflexo quando o desejavam.

Zarek nunca o desejava.

O homem mais velho dirigiu-lhe um sorriso, mais gerado pelo hábito do que pela amizade, e avançou na sua direção. Embora as pessoas de Fairbanks fossem muito simpáticas, a maior parte delas tendia, ainda assim, a evitar Zarek.

Ele tinha esse efeito nas pessoas.

— Em que o posso servir hoje? — perguntou Frank.

Zarek olhou para o adolescente que o fitava com curiosidade.

— Preciso de um novo gerador.

Frank inspirou por entre dentes e Zarek esperou pelo que sabia estar para vir.

— Pode haver aí um pequeno problema.

Frank dizia sempre isso. Independentemente do que Zarek precisasse, seria sempre um problema arranjá-lo, por isso seria preciso pagar bem para o obter.

Frank coçou os pelos grisalhos da barba que lhe cobria o rosto.

— Já só tenho um e deveria ser entregue aos Wallaby amanhã.

Sim, pois.

Zarek estava demasiado cansado para regatear com Frank. Naquela altura, estava disposto a pagar para conseguir ter energia elétrica em casa.

— Se me deixares levá-lo, dou-te mais seiscentos dólares.

Frank franziu o sobrolho e continuou a coçar a barba.

— Bem, há um outro problema. Os Wallaby querem-no mesmo.

— Mil, Frank, e mais duzentos se o conseguires levar para casa da Sharon dentro de uma hora.

Frank resplandecia.

— Tony, ouviste o homem, carrega o gerador dele. — Os olhos do homem estavam leves e quase amigáveis. — Vai precisar de mais alguma coisa?

Zarek abanou a cabeça e partiu.

Percorreu o caminho de volta a casa de Sharon, fazendo o possível por ignorar os ventos cortantes.

Bateu à porta, antes de a empurrar com o ombro e entrar. Estranhamente, a sala de estar estava vazia. Àquela hora da noite, a filha de Sharon, Trixie, costumava estar a correr por ali, a brincar e a gritar, como um demónio, ou a fazer os trabalhos de casa, sob veementes protestos. Não a ouvia, nem mesmo nas divisões mais afastadas.

Durante um segundo, pensou que talvez os Escudeiros o tivessem encontrado, mas isso era ridículo. Ninguém sabia da existência de Sharon. Zarek não tinha propriamente o hábito de conversar com o Conselho dos Escudeiros ou com outros Predadores da Noite.

— Hei, Sharon? — chamou. — Está tudo bem?

Ela avançou lentamente através do corredor, vinda da cozinha.

— Estás de volta.

Um mau pressentimento abateu-se sobre ele. Algo não estava bem. Podia senti-lo. Ela parecia nervosa.

— Sim. Passa-se alguma coisa? Não interrompi uma noite romântica ou assim, pois não?

E depois ouviu-o. O som de um homem a respirar e passos pesados vindos da cozinha.

O homem percorreu o corredor com um andar calmo e metódico: como um predador que se demora a analisar a paisagem enquanto observa, pacientemente, a sua presa.

Zarek franziu o sobrolho enquanto o homem parava a meio do corredor, atrás de Sharon. Com apenas menos três centímetros que Zarek, tinha o longo cabelo castanho-escuro preso num rabo-de-cavalo e envergava um casaco de estilo *western*. O homem estava envolto numa aura mortal e assim que os seus olhos se cruzaram Zarek soube que tinha sido traído.

Aquele era outro Predador da Noite.

E só havia um entre os milhares de Predadores da Noite que sabia acerca dele e de Sharon...

Zarek praguejou contra a sua própria estupidez.

O Predador da Noite inclinou a cabeça na sua direção.

— Z — disse com o pesado sotaque do sul que Zarek conhecia demasiado bem. — Precisamos de conversar.

Zarek não era capaz de respirar enquanto olhava para Sharon e Sundown juntos. Sundown era a única pessoa com quem se tinha aberto durante os seus mais de dois mil anos de existência.

E ele sabia porque é que Sundown se encontrava ali.

Só Sundown conhecia Zarek. Conhecia os locais que frequentava, os seus hábitos.

Quem melhor para o caçar e matar do que o seu melhor amigo?

— Falar sobre o quê? — perguntou bruscamente, semicerrando os olhos.

Sundown avançou, colocando-se à frente de Sharon, como que para a proteger. Que ele pensasse, mesmo que por um segundo, que Zarek a pudesse ameaçar, logo a ela.

— Acho que sabes porque estou aqui, Zarek.

Sim, ele sabia. Sabia exatamente o que é que Sundown queria com ele. Uma morte limpa e rápida para que Sundown pudesse reportar a Ártemis e Acheron que tudo estava certo no mundo, mais uma vez, altura em que o *cowboy* poderia regressar à sua casa em Reno.

Mas Zarek já tinha avançado calmamente para a sua execução uma vez. Desta feita, tencionava lutar pela vida, se isso se lhe pudesse chamar.

— Esquece, Jess — disse ele, usando o verdadeiro nome de Sundown.

Voltou-se e correu para a porta.

Zarek tinha conseguido chegar ao pátio antes que Sundown o apanhasse e agarrasse, obrigando-o a parar. Ele expôs-lhe as presas, mas Jess nem pareceu notar.

Zarek esmurrou-o no estômago com força. Foi um golpe poderoso que obrigou Jess a recuar e Zarek a cair de joelhos. Sempre que um Predador da Noite atacava outro, o que atacava sentia o golpe com uma potência dez vezes superior do que o que o recebia. Só havia uma forma de o evitar:

que Ártemis levantasse a proibição. Só esperava que ela não o tivesse feito no caso de Jess.

Zarek lutou por respirar, tal era a dor e obrigou-se a levantar. Ao contrário de Jess, a dor física era algo a que estava habituado.

Antes que pudesse avançar muito, viu Mike e outros três Escudeiros nas sombras. Estava a avançar na sua direção com passos determinados, que lhe diziam que estavam armados para um Predador da Noite.

— Deixem-no para mim — ordenou Sundown.

Eles ignoraram e continuaram a andar.

Voltando-se, Zarek dirigiu-se para a mota de neve, apenas para descobrir que o seu motor tinha sido destruído. Era óbvio que tinham estado ocupados, enquanto estivera na loja de Frank.

Maldição. Como pudera ser tão burro?

Eles deviam ter destruído os geradores para o obrigarem a ir à cidade. Tinham-no atraído para fora dos bosques como os caçadores fazem aos animais selvagens.

Ótimo. Se queriam um animal para perseguir, dar-lhes-ia um.

Fez um gesto com a mão e usou os seus poderes telequinéticos para fazer cair os Escudeiros.

Sem vontade de se magoar mais uma vez, Zarek evitou Jess e correu na direção da cidade.

Não avançou muito antes que surgissem mais escudeiros que abriram fogo sobre ele.

As balas atravessavam-lhe o corpo, rasgando-lhe a pele. Zarek silvou e cambaleou com a dor.

Mesmo assim, continuou a correr.

Não tinha outra escolha.

Se ficasse caído, desmembrá-lo-iam e, embora a sua vida fosse uma grande porcaria, não tinha qualquer intenção de se tornar um Sombra. Nem estava disposto a dar-lhes a satisfação de o matarem.

Zarek contornou um edifício.

Algo lhe acertou com força no estômago.

A agonia explodiu através dele, quando caiu ao chão. Tinha ficado deitado de costas, na neve, incapaz de respirar.

Uma sombra de olhos frios e sem misericórdia erguia-se sobre ele.

Com pelo menos dois metros e três, o homem possuía uma perfeição masculina que não era deste mundo. Com o cabelo de um louro-claro e olhos azuis-escuros, revelou, ao sorrir, um par de presas igual ao de Zarek.

— O que és tu? — perguntou Zarek, sabendo que o estranho não era nem *daemon* nem *apollite*, embora se parecesse com um.

— Eu sou Tánatos, Predador da Noite — disse em grego clássico-

co, utilizando o nome que significava “morte”. — E estou aqui para te matar.

Agarrou Zarek pelo casaco e lançou-o contra o edifício mais distante, como se ele não passasse de uma boneca de trapos.

Zarek chocou contra a parede com força e deslizou até ao chão. O corpo doía-lhe tanto que os membros tremiam, enquanto se tentava arrastar para longe da besta.

Zarek parou.

— Não voltarei a morrer assim — rosnou. Não de joelhos, como um animal medroso que aguarda pela morte.

Espancado como um escravo sem qualquer valor.

Com o corpo fortalecido pela raiva, obrigou-se a levantar e voltou-se para enfrentar Tánatos.

A criatura sorriu.

— Espinha dorsal. Como gosto disso. Mas não tanto como gosto de lhe sugar o tutano.

Zarek apanhou-lhe o braço quando ele o tentava agarrar.

— Sabes do que gosto? — Zarek partiu o braço da criatura e agarrou-o pelo pescoço. — O som de um *daemon* a libertar o seu último suspiro.

Tánatos riu. O som era maléfico e gelado.

— Não me podes matar, Predador da Noite. Sou ainda mais imortal do que tu.

Zarek ficou de boca aberta, enquanto o braço de Tánatos sarava instantaneamente.

— O que é que tu és? — perguntou Zarek mais uma vez.

— Já te disse. Sou a Morte e ninguém consegue derrotar ou escapar à Morte.

Oh, merda! Agora estava lixado.

Mas estava longe de derrotado. A Morte podia levá-lo, mas o filho da mãe ia ter de lutar por isso.

— Sabes — disse Zarek, deslizando para a calma surreal que lhe permitira suportar as incontáveis tarefas de que fora vítima enquanto bode expiatório da família. — Aposto que a maior parte das pessoas se borra de medo quando dizes isso. Mas sabes que mais, Sr. Quero-ser-assustador-mas-não-consigo-nem-por-nada? Eu não sou uma pessoa. Sou um Predador da Noite e, no esquema geral das coisas, não significas nada para mim.

Concentrou todos os seus poderes numa mão, depois lançou um golpe poderoso na direção do plexo solar de Tánatos. A criatura cambaleou para trás.

— Ora, podia-me sentar aqui e brincar contigo. — Lançou um novo

golpe fortíssimo contra Tánatos. — Mas prefiro acabar com o sofrimento de ambos.

Antes que pudesse voltar a atacar, um tiro de caçadeira apanhou-o pelas costas. Zarek sentiu os chumbos rasgarem-lhe o corpo, falhando por pouco o coração.

Ao longe, podiam ouvir-se as sirenes da polícia.

Tánatos agarrou-o pelo pescoço e ergueu-o até Zarek ficar em bicos de pés.

— Melhor ainda, porque é que eu não acabo só com o teu sofrimento?

Lutando por respirar, Zarek sorriu com tristeza ao sentir o fio de sangue que lhe escorria pelo canto dos lábios. O seu gosto metálico invadiu-lhe a boca. Estava ferido mas não assustado.

Sorrindo com superioridade ao *daemon*, deu uma joelhada nas joias do filho da mãe.

O *daemon* encolheu-se. Zarek recomeçou a correr, para longe do *daemon*, dos Escudeiros e dos polícias, só que não era nem de perto tão rápido como era costume.

A dor fazia com que a sua visão se tornasse turva e, quanto mais corria, mais dor sentia.

A agonia do seu corpo era insuportável.

Nenhuma das tarefas que levava enquanto criança lhe tinha doído tanto. Não sabia como conseguia continuar a correr. Só sabia que uma parte de si se recusava a parar e deixar-se apanhar.

Não sabia ao certo quando os despistara, nem se estariam ainda atrás de si. Zarek não podia sabê-lo ao certo devido ao zumbido nos seus ouvidos.

Desorientado, abrandou, cambaleando para frente até não ser capaz de andar mais.

Caiu na neve.

Zarek ficou deitado, à espera que os outros o apanhassem. À espera que Tánatos acabasse o que tinha começado mas, à medida que os segundos iam passando, compreendeu que devia ter conseguido fugir.

Aliviado, tentou levantar-se.

Não foi capaz. O seu corpo, simplesmente, já não cooperava. O melhor que conseguiu foi gatinhar para a frente mais um metro, tendo depois conseguido um vislumbre de uma casa, que parecia uma cabana grande, mesmo à sua frente.

Parecia grande e acolhedora e, no fundo da sua mente, erguia-se o pensamento de que se fosse capaz de chegar à porta, a pessoa no seu interior o ajudaria.

Riu amargamente do seu próprio pensamento.

Nunca ninguém o tinha ajudado.

Nem por uma vez.

Não, aquele era o seu destino. Não valia a pena lutar contra ele e a verdade é que já estava cansado de lutar sozinho contra o mundo.

Fechando os olhos, sorveu uma longa e entrecortada golfada de ar e esperou pelo inevitável.

Capítulo

TRÊS

ASTRID estava sentada na beira da cama e verificava as feridas do seu “hóspede”. Durante quatro dias, permanecera deitado na cama dela, inconsciente, enquanto ela tomava conta dele.

Os músculos tensos sob as suas mãos eram firmes e fortes, mas ela não os conseguia ver.

Ela não *o* conseguia ver.

Abdicava sempre da sua visão quando era enviada para julgar alguém. Os olhos podiam ser enganadores. Julgavam as coisas de forma muito diferente em relação aos restantes sentidos.

Astrid devia ser sempre imparcial, embora naquele momento não se sentisse assim.

Quantas vezes tinha ela partido, de coração aberto, e sido enganada?

O pior caso fora o de Miles. Um Predador da Noite trapaceiro, era encantador e divertido. Tinha-a deslumbrado com a sua energia e a sua capacidade de transformar tudo num jogo. Sempre que ela o tentara levar aos limites, ele rira-se dos testes e provara ser sempre um tipo porreiro.

Tinha-lhe parecido um homem perfeito e equilibrado.

Durante algum tempo ela julgou-se, até, apaixonada por ele.

No fim, ele tentara matá-la. Tratava-se, afinal, de um homem completamente amoral e implacável. Frio. Sem sentimentos. A única pessoa que alguma vez fora capaz de amar fora a si mesmo e, embora não passasse de escumalha, na sua cabeça fora injustiçado pela humanidade e, como tal, podia tirar-lhes o que desejasse.

E esse era o maior problema de Astrid com os Predadores da Noite. Tratavam-se de seres humanos normalmente recrutados dos esgotos. Cuspidos por outros, do berço até à cova, eram hostis em relação ao mundo. Ártemis nunca tinha isso em consideração quando os convertia. Tudo o que queria era soldados sob o comando de Acheron. Uma vez criados, Ártemis lavava as mãos deles e deixava para os outros o trabalho de os vigiar e manter.

Pelo menos até terem ultrapassado uma qualquer fronteira estabelecida por Ártemis. Nessa altura, a deusa corria a julgá-los e a executá-los e, embora não tivesse qualquer prova, Astrid desconfiava que Ártemis apenas seguia tal protocolo para impedir que Acheron ficasse furioso com ela.

Assim, Astrid tinha sido chamada muitas vezes, ao longo dos séculos, para descobrir uma qualquer razão que permitisse a um Predador da Noite permanecer vivo.

Nunca encontrara nenhuma. Nem por uma vez. Todos os que ela julgara tinham sido homens cruéis e brutais. Uma ameaça para a humanidade ainda maior do que os *daemon* que perseguiam.

A justiça do Olimpo não operava da mesma forma que a justiça humana. Não existia qualquer presunção de inocência. No Olimpo, uma vez acusado, o defendente tinha de provar ser merecedor de misericórdia.

Nunca ninguém o conseguira.

O mais perto que Astrid alguma vez estivera de clemência fora Miles, e que bem que isso tinha corrido. Aterrorizava-a pensar como tinha chegado perto de o considerar inocente e de o voltar a libertar no mundo. Essa experiência tinha sido a última gota. Desde essa altura, afastara-se de tudo e de todos.

Não deixaria que a beleza ou o encanto de um homem a voltassem a enganar. O seu trabalho, agora, era entrar no coração do homem que se encontrava na sua cama.

Ártemis tinha dito que Zarek não tinha coração. Acheron nada dissera. Tinha-lhe lançado um olhar penetrante que lhe dizia que contava com ela para tomar a atitude correta.

Mas o que era correto?

— Acorda, Zarek — sussurrou. — Só te restam dez dias para te salvares.

ZAREK acordou com uma dor indescritível, o que, tendo em conta o seu passado brutal como bode expiatório e escravo, era difícil de acreditar. Em especial tendo em conta que, enquanto ser humano, a dor fora a única certeza na sua vida.

Com o coração a bater violentamente, voltou-se, esperando sentir o

frio na neve e o chão sob o seu corpo. Em vez disso, foi surpreendido por uma sensação de calor.

Estou morto, pensou com ironia.

Nem nos seus sonhos se sentira *assim* tão quente.

Contudo, ao abrir os olhos e ver um fogo a arder numa lareira e uma montanha de cobertores sobre si, compreendeu que estava bem vivo e deitado no quarto de alguém.

Olhou em redor do quarto, decorado em tons terra: rosas-claros, castanhos-claros e escuros, e verde-escuro. As paredes da cabana de madeira eram de um estilo que revelava alguém que desejava o aspeto e a sensação de uma cabana rústica mas que tinha dinheiro suficiente para garantir que estava bem isolada e que era acolhedora, sem correntes de ar e frio.

A cama era uma dispendiosa reprodução em ferro das grandes camas do final do século XIX. À esquerda estava uma pequena mesa-de-cabeceira onde se encontrava um jarro e uma tina à moda antiga.

Quem quer que fosse o proprietário, tinha massa.

Zarek *odiava* pessoas ricas.

— Sasha?

Zarek franziu o sobrolho perante a voz suave e melódica. Uma voz de mulher. Ela estava num quarto na outra ponta do corredor, mas ele não era capaz de a localizar com exatidão devido à dor que sentia no crânio.

Ouviu um suave latido canino.

— Oh, para com isso — ralhou a mulher, com um tom gentil. — Não magoei mesmo os teus sentimentos, pois não?

Zarek franziu o sobrolho enquanto tentava compreender o que lhe tinha acontecido. Jess e os outros estavam atrás dele e recordava-se de ter caído em frente a uma casa.

Alguém da casa o devia ter encontrado e arrastado para o interior, embora não conseguisse imaginar porque é que se teria dado a tal trabalho.

Não que isso importasse. Jess e Tánatos estavam atrás dele e não era preciso ser-se um cientista atómico para descobrir onde se encontrava, em especial tendo em conta a quantidade de sangue que devia ter perdido enquanto corria. Sem dúvida, havia um trilho que levava diretamente até à porta daquela cabana.

O que significava que tinha de sair dali, e depressa. Jess não faria nada para magoar aqueles que o ajudassem, mas não havia como dizer do que Tánatos seria capaz.

A sua mente regressou a uma aldeia em chamas. À imagem horrível das pessoas mortas...

Era uma recordação daquilo de que *ele* era capaz, decidiu, e uma re-

cordação do porquê de ter de se afastar dali. Não queria magoar alguém que fora simpático com ele.

Não outra vez.

Obrigando-se a esquecer a dor no corpo, sentou-se lentamente.

De imediato, o cão entrou a correr no quarto.

Só que não era um cão, compreendeu quando ele parou junto à cama e lhe rosnou. Era um grande lobo creme. Um lobo que parecia odiá-lo.

— Para trás, Scooby — disse furioso. — Já fiz botas de lobos maiores e piores do que tu.

O lobo expôs ainda mais dentes como se compreendesse as suas palavras e o desafiasse a provar o que dizia.

— Sasha?

Zarek ficou imóvel quando a mulher surgiu na ombreira da porta.

Maldição...

Ela era incrível. O longo cabelo louro era da cor do mel e caía em ondas suaves em redor dos ombros magros. A pele era clara, com as faces rosadas e lábios que tinham sido, obviamente, muito bem protegidos do rude clima do Alasca. Tinha cerca de um metro e oitenta e dois; usava uma camisola branca, de malha entrançada, e umas calças de ganga.

Os olhos eram de um azul muito, muito claro. Tão claro que, à primeira vista, pareciam quase sem cor. E, quando ela entrou no quarto, com os braços esticados, enquanto se movia lenta e metodicamente, tentando localizar o lobo, compreendeu que ela era completamente cega.

O lobo ladrou-lhe duas vezes, depois voltou-se e foi ter com a dona.

— Aqui estás tu — sussurrou, ajoelhando-se para lhe fazer uma festa. — Não devias ladrar, Sasha. Vais acordar o nosso hóspede.

— Estou acordado e tenho a certeza de que é por isso que ele está a ladrar.

Ela voltou a cabeça na sua direção, como se estivesse a tentar vê-lo.

— Lamento. Não temos muita companhia e o Sasha tende a ser um pouco antissocial junto de estranhos.

— Acredite-me, conheço a sensação.

Ela avançou na direção da cama, uma vez mais com as mãos estendidas.

— Como te sentes? — perguntou, tocando-lhe no ombro, quando o localizou.

Zarek encolheu-se perante a sensação de calor da mão dela sobre a sua carne. Era gentil. Calmante. E fazia com que uma estranha parte de si lhe doesse. Mas, pior do que isso, fazia com que a sua virilha ficasse dura. Muito dura.

Nunca suportara que alguém lhe tocasse.

— Preferia que não fizesses isso.

— O quê? — perguntou ela.

— Tocaes-me.

Ela afastou-se lentamente e piscou os olhos de forma metódica, como se o fizesse mais por hábito do que por reflexo.

— Vejo através do toque — disse suavemente. — Se não te tocar, ficarei completamente cega.

— Sim, bem, todos temos os nossos problemas.

Zarek deslizou para o lado oposto da cama e levantou-se. Estava nu, com exceção das calças de cabedal e de algumas ligaduras. Ela devia tê-lo despido e tratado das feridas. Tal pensamento fez com que se sentisse de-veras estranho. Nunca ninguém se tinha dado ao trabalho de tomar conta dele quando estava ferido.

Porque haveria ela de o fazer?

Acheron e Nick o tinham deixado sozinho depois de ter sido ferido em Nova Orleães. O melhor que lhe tinham oferecido fora uma boleia até casa, para que pudesse sarar as feridas sozinho.

Claro que eles lhe poderiam ter oferecido mais se se tivesse mostrado menos hostil para com eles, mas ser hostil era o que fazia melhor.

Zarek encontrou as suas roupas dobradas sobre uma cadeira de ba-loiço junto à janela. Apesar dos dolorosos protestos dos seus músculos, co-meçou a vesti-las. Os seus poderes de Predador da Noite tinham-lhe per-mitido sarar, em parte, enquanto dormia, mas não estava em tão boa forma como estaria se os Predadores de Sonhos o tivessem ajudado. Eles auxi-liavam muitas vezes os Predadores da Noite feridos a sarar mais depressa durante o sono, mas não Zarek.

Ele assustava-os tanto como a todas as outras pessoas.

Por isso, tinha aprendido a aguentar os golpes e a lidar com a dor. O que, por ele, estava bem. Não gostava de ter pessoas, imortais ou não, por perto.

A vida era melhor vivida sozinho.

Sorriu ao ver o buraco nas costas da camisa, no sítio onde o tiro de caçadeira o tinha atingido.

Sim, a vida era sem dúvida melhor vivida sozinho. Ao contrário do seu “amigo”, não seria capaz de dar um tiro nas próprias costas, mesmo que quisesse.

— Estás a pé? — perguntou a desconhecida, a voz carregada de sur-presa. — A vestir-te?

— Não — respondeu irritado. — Estou a fazer xixi no tapete. O que achas que estou a fazer?

— Sou cega. Tanto quanto sei estás mesmo a fazer xixi no meu tapete, que, já agora, é de muito boa qualidade, por isso espero que estejas a brincar.

Ele sentiu um estranho toque de divertimento perante a resposta dela. Era rápida e esperta. Gostava disso.

Mas não tinha tempo a perder.

— Escuta, rapariga, não sei quem és nem como me trouxeste para aqui, mas agradeço-to. No entanto, tenho de ir embora. Acredita em mim, vais arrepender-te muito se não for.

— Há uma forte tempestade lá fora — disse ela, a voz menos amigável do que parecera antes. — Ninguém vai ser capaz de sair daqui durante algum tempo.

Zarek não acreditou até ter afastado as cortinas da janela dela. A neve estava a cair de forma tão rápida e compacta que parecia uma densa parede branca.

Praguejou num sussurro. Depois, mais alto, perguntou:

— Há quanto tempo está assim?

— Algumas horas.

Ele cerrou os dentes ao compreender que estava preso ali.

Com ela.

Aquilo não era nada bom mas, pelo menos, impediria que os outros o seguissem. Com alguma sorte, a neve esconderia o trilho e ele sabia que Jess odiava o frio.

Quanto a Tánatos, bem, tendo em conta o seu nome, a linguagem e o aspeto, Zarek apostava que se tratava também de um antigo mediterrânico e isso significava que Zarek estava em vantagem em relação aos dois. Aprendera há séculos como se mover rapidamente sobre a neve e quais os perigos a evitar.

Quem haveria de dizer que os novecentos anos passados no Alasca acabariam por compensar?

— Como é possível que estejas de pé e a mover-te?

A pergunta sobressaltou-o.

— Desculpa?

— Estavas ferido com gravidade quando te trouxe para dentro, há alguns dias. Como podes estar a pé, agora?

— Alguns dias? — perguntou, estupefacto com as suas palavras. Passou a mão pelo rosto e sentiu os pelos grossos. Merda. Tinham *mesmo* passado alguns dias. — Quantos?

— Quase cinco.

O coração dele bateu mais rápido. Estava ali há quatro dias e não o tinham encontrado? Como era isso possível?

Franziu o sobrolho. Algo não parecia certo.

— Pensei ter sentido uma ferida provocada por um tiro nas tuas costas.

Ignorando o enorme buraco na camisa, Zarek puxou a camisola interior preta por cima da cabeça. Tinha a certeza de que fora Jess a atingi-lo. As caçadeiras eram as armas de eleição dos *cowboys*. O seu único consolo era o pensamento de que Jess estava com tantas dores como ele. A menos que Ártemis tivesse erguido a proibição. Nesse caso o filho da mãe não estava a sentir nada, para além de satisfação.

— Não era um tiro — mentiu. — Caí, apenas.

— Sem ofensa, seria preciso teres caído do Monte Everest para ficares com esse tipo de feridas.

— Bem, talvez para a próxima me lembre de levar o equipamento de montanhismo.

Ela repreendeu-o.

— Estás a gozar comigo?

— Não — respondeu ele, com honestidade. — Só não quero falar do que aconteceu.

Astrid acenou enquanto tentava perceber mais sobre o homem irritado que não parecia ser capaz de falar sem lhe rosnar. Acordado, estava longe de ser uma companhia agradável.

Estava quase morto quando Sasha o encontrou. Ninguém devia ser agredido e ferido daquela forma e, depois, deixado como morto, como ele fora.

Em que estavam os Escudeiros a pensar?

Ela estava surpreendida por o Predador da Noite solitário ser capaz de se levantar, mesmo passados quatro dias de descanso.

Um tal tratamento era desumano e não ficava nada bem naqueles que tinham jurado proteger a humanidade. Se um humano tivesse descoberto Zarek, o seu disfarce teria sido descoberto graças ao seu descuido, e os humanos teriam ficado a saber da sua existência.

Era algo que tencionava comunicar a Acheron.

Mas isso seria depois. Agora, Zarek estava de pé e a deslocar-se. A sua vida ou morte imortais estavam inteiramente nas suas mãos e ela tencionava testá-lo para ver exatamente que tipo de homem era.

Restar-lhe-ia alguma compaixão ou seria tão vazio como ela?

O seu trabalho era ser a epítome das coisas que levavam Zarek à loucura. Ela levá-lo-ia aos limites da sua tolerância, e mais além, para ver o que ele fazia.

Se ele se conseguisse controlar junto dela, seria julgado seguro e são.

Se ele se voltasse contra ela de qualquer forma, seria julgado culpado e morreria.

Que começassem os testes...

Previu mentalmente o pouco que sabia sobre Zarek. Ele não gostava de falar com as pessoas. Não gostava de ricos.

Acima de tudo, odiava que lhe tocassem ou lhe dessem ordens.

Por isso decidiu pisar a primeira linha com uma simples conversa.

— De que cor é o teu cabelo? — perguntou.

A questão aparentemente inócua fez com que a sua memória viajasse para a sensação do corpo dele sob as suas mãos, enquanto lavava o sangue que o cobria.

O cabelo dele parecera-lhe suave e macio. Tinha deslizado sensualmente por entre os seus dedos, acariciando-os. Por lhe tocar, ela sabia que não era demasiado curto, nem demasiado longo, caindo-lhe, provavelmente, sobre os ombros quando penteado.

— Desculpa? — Ele parecia surpreso pela pergunta e, por uma vez, não rosnou as palavras que lhe dirigiu.

Tinha uma bela voz. Rica e profunda. Ressoava com um sotaque grego e, sempre que falava, ela sentia um arrepio percorrer-lhe o corpo. Nunca ouvira um homem com uma voz tão inatamente masculina.

— O teu cabelo — repetiu ela. — Estava a perguntar-te qual a sua cor.

— De que te interessa? — perguntou ele, belicosamente.

Ela encolheu os ombros.

— Estou apenas curiosa. Passei muito tempo sozinha e, embora não me recorde do aspeto das cores, tento ainda assim imaginá-las. A minha irmã Cloie deu-me uma vez um livro que dizia que todas as cores tinham uma textura e uma sensação próprias. Por exemplo, o vermelho é quente e nodoso.

Zarek franziu o sobrolho. Aquela era uma conversa estranha, mas ele passara tempo sozinho suficiente para compreender a necessidade de falar sobre qualquer coisa com qualquer pessoa que permanecesse quieta tempo suficiente para ser abordada.

— É preto.

— Pensei que sim.

— A sério? — perguntou antes que se conseguisse refrear.

Ela acenou enquanto contornava a cama e se aproximava mais dele. Estava tão perto que os seus corpos quase se tocavam. Ele sentiu uma estranha vontade de lhe tocar. De ver se a sua pele era tão macia quanto parecia.

Deuses, como ela era bela.

O corpo era esguio e alto, os seios uma mão cheia perfeita. Já se passara muito tempo desde a última vez que tivera relações com uma mulher. Uma eternidade desde que se aproximara assim tanto de uma sem lhe provar o sangue.

Podia jurar que conseguia sentir o sabor do dela naquele momento, sentir o bater do coração contra os seus lábios, enquanto o bebia, deixando as emoções e os sentimentos dela jorrarem para dentro de si, enchendo-o com algo mais para além da dormência e da dor.

Embora beber sangue humano fosse proibido, era a única coisa que alguma vez lhe dera prazer. A única coisa capaz de enterrar a dor dentro dele e lhe permitir experimentar esperanças e sonhos.

A única coisa que lhe permitira sentir-se humano.

E ele queria sentir-se humano.

Ele queria senti-la.

— O teu cabelo era frio e sedoso — disse ela suavemente —, como veludo negro.

As palavras dela fizeram com que o seu pénis ficasse duro de necessidade e desejo.

Frio e sedoso.

Fazia-o pensar nas pernas dela a deslizar contras as suas. Na pele feminina e delicada que lhe devia cobrir as nádegas e as coxas. A sensação delas contra as suas pernas enquanto ele se lançava no seu interior.

Respirando com dificuldade, imaginou o que seria deslizar as calças de ganga justas e desbotadas ao longo das pernas dela e, depois, abri-las. Passar a mão pelos pelos curtos e duros, até a poder tocar intimamente, afagando-a até os seus doces fluidos cobrirem os dedos dele, enquanto ela lhe sussurrava ao ouvido e se esfregava contra ele.

Como seria deitá-la na cama atrás dela e afundar-se profundamente no seu calor húmido até ambos atingirem o clímax.

Sentir a boca dela no seu corpo.

As mãos dela a apalpá-lo.

Ela estendeu a mão para lhe tocar.

Incapaz de se mover devido à força da sua fantasia, Zarek permaneceu imóvel enquanto ela pousava uma mão no seu ombro. O cheiro a mulher, fumo e rosas invadiu-o e ele sentiu uma necessidade desesperada de se dobrar, enterrar o rosto na sua pele cremosa, e inalar o seu perfume doce. Afundar as presas no seu pescoço suave e macio e provar a força vital que corria no seu interior.

Inconscientemente, abriu os lábios, expondo as presas.

A necessidade que sentia dela era quase esmagadora.

Mas não tão exigente como o desejo de lhe tocar no corpo.

— És mais alto do que pensava.

Percorreu a curva dos seus bíceps. Ele foi percorrido por arrepios, ficando ainda mais excitado.

Ele desejava-a. Muito.

Morde-a...

O lobo dela rosnou.

Zarek ignorou-o e continuou a fitá-la.

Os seus relacionamentos com mulheres tinham sido sempre breves e apressados. Nunca permitira a uma mulher que o olhasse ou lhe tocasse enquanto tinham relações sexuais.

Sempre tomara as mulheres por trás, de forma furiosa e rápida como um animal. Nunca desejara passar mais tempo com elas do que o necessário para saciar o corpo.

No entanto, facilmente se imaginava a tomar aquela mulher nos braços e a ter relações com ela, cara a cara. A sentir a respiração dela na sua pele enquanto a penetrava, lenta e energicamente, durante toda a noite, e bebia dela...

Nada disse quando ela desceu a mão pelo seu braço e não conseguia compreender porque não a afastava de si.

Por alguma razão, ela mantinha-o imóvel com o seu toque.

A sua virilha tensa ardia com uma necessidade violenta. Se não soubesse melhor, poderia jurar que ela o estava a excitar de propósito.

Mas o seu toque tinha uma inocência que lhe dizia que só queria “vê-lo”. Não havia ali nada de sensual.

Pelo menos, do lado dela.

Zarek afastou-se dela e deixou um bom metro entre ambos.

Tinha de o fazer.

Mais um minuto e ela estaria nua, deitada sobre a cama, à sua mercê...

Não que ele sentisse misericórdia por alguém.

Ela baixou a mão e ficou imóvel como se estivesse à espera que ele lhe tocasse.

Ele não o fez. Um toque, apenas, e transformar-se-ia no animal que todos achavam que era.

— Como te chamas? — A pergunta já tinha sido proferida, antes que fosse capaz de o evitar.

Ela dirigiu-lhe um sorriso amigável que lhe fez latejar a virilha.

— Astrid. E tu?

— Zarek.

O sorriso dela cresceu.

— Tu és grego. Bem me tinha parecido pelo teu sotaque.

O lobo dela contornou-a e sentou-se ao seu lado, para o olhar. Mostrou os dentes de forma ameaçadora.

Começava a odiar realmente o animal.

— Posso arranjar-te alguma coisa, Zarek?

Sim, gatinha nua para aquela cama e deixa-me tomar-te até de madrugada.

Engoliu em seco perante a ideia e sentiu a virilha ainda mais dura, ao ouvir o som do seu nome nos lábios dela.

Não teria ficado mais duro se ela o estivesse a afagar com as mãos.

A boca...

O que se passava com ele? Estava a fugir pela vida e só conseguia pensar em sexo?

Estava a ser um idiota completo.

— Não, obrigado — disse ele. — Estou bem.

O estômago fez barulho, traindo-o.

— A mim, parece-me que tens fome.

Para ser honesto, estava esfomeado mas, naquele momento, desejava muito mais prová-la do que desejava qualquer alimento.

— Sim, acho que tenho.

— Vem — disse ela, estendendo o braço na sua direção. — Posso ser cega, mas sei cozinhar. Prometo que, a menos que Sasha tenha mudado as coisas de sítio na cozinha, não envenenei o meu estufado.

Zarek não lhe pegou na mão.

Ela engoliu em seco como se estivesse nervosa ou se tivesse sentido atrapalhada, depois baixou a mão e saiu do quarto.

Sasha voltou a rosnar-lhe.

Zarek respondeu na mesma moeda e bateu o pé ao cachorro irritante, que parecia não desejar mais nada a não ser arrancar-lhe a perna à dentada.

Apanhou um olhar de censura no rosto de Astrid, quando esta parou na entrada e se voltou para trás na direção deles.

— Estás a ser mau para o Sasha?

— Não. Só estou a responder ao cumprimento. — As orelhas do lobo ainda estavam puxadas para trás quando saiu a correr do quarto. — O Rintintin não parece gostar muito de mim.

Ela encolheu os ombros.

— Ele não parece gostar muito de ninguém. Por vezes, nem mesmo de mim.

Astrid voltou-se e percorreu o corredor com Zarek atrás dela. Havia algo ominoso naquele homem. Mortal. E não era apenas a força que sentira no seu braço quando lhe tocara.

Ele libertava uma escuridão que não era natural e parecia avisar toda a gente, mesmo os cegos, que deveriam ficar longe dele. O mais certo era que Sasha reagisse a isso. Era deveras desconcertante.

Mesmo assustador.

Talvez Ártemis tivesse razão. Talvez ela o devesse considerar culpado e regressar a casa...

Mas ele não a atacara. Pelo menos ainda não.

Astrid guiou-o até ao balcão da cozinha, onde se encontravam três bancos altos. As irmãs dela tinham-nos colocado ali mais cedo quando a foram visitar e avisar em relação à sua mais recente missão.

Todas as suas três irmãs se tinham mostrado deveras desagradadas quando ela decidiu julgar Zarek para a mãe mas, no final, não tinham outra escolha senão permitir que fizesse o seu trabalho.

Para sua eterna consternação, havia coisas que nem as Parcas podiam controlar.

O livre arbítrio era uma delas.

— Queres estufado de carne? — perguntou a Zarek.

— Não sou esquisito. Estou apenas grato por ter algo quente que não tive de cozinhar.

Ela reparou na amargura na sua voz.

— Fazes isso muitas vezes?

Ele não respondeu.

Astrid tateou o seu caminho até ao fogão.

Quando se aproximou do tacho, reparou que, de súbito, Zarek se encontrava ao seu lado, agarrando-lhe a mão e afastando-a. Ele movera-se tão rápida e silenciosamente que ela arquejou assustada.

A velocidade e a força dele fizeram-na pensar. Aquele homem podia, realmente, magoá-la se o desejasse e, tendo em conta o que preparara para ele, aquela era uma conclusão muito séria.

— Deixa-me fazer isso — disse-lhe ele, rispidamente.

Ela engoliu em seco, perante a raiva desmerecida na voz dele.

— Não sou uma incapaz. Faço isto a toda a hora.

Ele soltou-a.

— Ótimo, queima as mãos, então, não quero saber. — E afastou-se dela.

— Sasha? — chamou ela.

O lobo colocou-se ao seu lado e inclinou-se contra a sua perna, para lhe dar a saber onde se encontrava. Ajoelhando-se, tomou a cabeça dele nas suas mãos e fechou os olhos.

Utilizando a mente, ligou-se a Sasha até ser capaz de usar os olhos dele como se fossem seus. Viu Zarek a regressar ao balcão e teve de usar todas as suas forças para não ficar de queixo caído.

Temendo que o aspeto dele fizesse com que mudasse de opinião em relação ao seu caráter antes de ter a oportunidade de interagir com ele, ainda não tinha usado Sasha para o ver.

Agora sabia como tinha razão.

Zarek era incrivelmente bem-parecido. O seu longo cabelo, negro e liso, caía-lhe pouco abaixo dos ombros largos. A camisola de gola alta que trazia vestida abraçava-lhe o corpo de músculos bem definidos. O rosto era magro e de formas bem esculpidas. As faces, embora cobertas de barba de quatro dias, eram um estudo da perfeição das proporções masculinas. Contudo não era bonito, era soturnamente atraente. Com um aspeto quase sinistro, não fossem as longas pestanas negras e os lábios firmes que lhe suavizavam as feições.

E, quando ele se sentou, ela conseguiu uma excelente panorâmica de um traseiro bem feito, envolto em cabedal.

O homem era um deus!

Mas o que mais a chocou, enquanto ele se sentava e olhava para o balcão, foi a profunda tristeza nos seus olhos escuros como a noite. A sombra perturbada que pairava sobre eles.

Ele parecia cansado. Perdido.

Acima de tudo, parecia extremamente só.

Ele olhou-os e franziu o sobrolho.

Astrid fez uma festa na cabeça de Sasha e deu-lhe um abraço como se não tivesse acontecido nada de extraordinário. Esperava que Zarek não desconfiasse do que estivera a fazer.

As suas irmãs tinham-na avisado de que aquele Predador da Noite, em especial, poderia possuir grandes poderes como telequinese e audição apurada, mas nenhuma sabia se ele seria capaz de sentir os limitados poderes *dela*.

Estava muito agradecida por ele não ser telepático. Isso teria tornado o seu trabalho infinitamente mais complicado.

Levantou-se e dirigiu-se ao armário, de onde retirou uma tigela para Zarek, depois, como muito cuidado, encheu-a de estufado. De seguida, levou-a para o balcão, não muito longe do local onde Zarek estivera de pé.

Ele estendeu a mão e pegou na tigela.

— Vives sozinha?

— Só eu e o Sasha. — Perguntou-se porque lhe teria ele perguntado aquilo.

A sua irmã Cloie tinha-a avisado que Zarek se podia tornar violento, bastando para isso uma pequena provocação. Dissera-lhe que tinha a fama de atacar Acheron, ou qualquer outra pessoa que se aproximasse dele.

Rumores entre os Predadores da Noite diziam que o seu exílio no Alasca fora provocado pelo facto de ter destruído uma aldeia pela qual fora responsável. Ninguém sabia porquê. Só que, certa noite, ele tinha enlou-

quecido e assassinado todos os que ali se encontravam e, depois, arrasado as casas onde viviam.

As suas irmãs tinham-se recusado a elaborar sobre o que tinha acontecido nessa noite, com medo de influenciarem o seu ponto de vista.

Pelo crime de Zarek, Ártemis tinha-o banido para aquele deserto gelado.

Estaria Zarek simplesmente curioso sobre a forma como ela vivia ou haveria um motivo mais sinistro por trás da sua pergunta?

— Queres alguma coisa para beber? — perguntou-lhe.

— Claro.

— O que preferes?

— Qualquer coisa.

Ela abanou a cabeça perante as suas palavras.

— Não és muito esquisito, pois não?

Ela ouviu-o limpar a garganta.

— Não.

— *Não gosto da forma como ele olha para ti.*

Ela arqueou uma sobrancelha perante as palavras iradas de Sasha na sua cabeça.

— *Não gostas da forma como nenhum homem olha para mim.*

O lobo fungou.

— *Ainda assim, ele não tirou os olhos de ti, Astrid. Está a observar-te neste preciso momento. Tem a cabeça baixa mas há luxúria nos seus olhos quando te fita. Como se já te pudesse sentir debaixo dele. Não confio nele, nem naquele olhar. Fita-te de forma demasiado intensa. Posso morder-lhe?*

Por uma qualquer razão, saber que Zarek a observava fê-la sentir-se quente e a tremer.

— *Não, Sasha. Sê simpático.*

— *Não quero ser simpático, Astrid. Todos os meus instintos me dizem que devo mordê-lo. Se tiveres algum respeito pelas minhas capacidades animais, deixa-me derrubá-lo já e poupar-nos mais dez dias neste local gelado.*

Ela abanou a cabeça.

— *Acabámos de o conhecer, Sasha. E se Lera te tivesse considerado culpada no vosso primeiro encontro, séculos atrás?*

— *Então voltaste a acreditar na bondade?*

Astrid fez uma pausa. Não, não tinha voltado. O mais certo era que Zarek merecesse morrer, em especial se metade do que lhe tinham contado fosse verdade.

E, no entanto, a citação de Acheron assombrava-a.

— *Devo ao Acheron mais do que dez minutos do meu tempo.*

Sasha fungou.

Ela serviu uma caneca de chá quente para Zarek e levou-lha.

— É chá de rosmaninho, pode ser?

— Tanto faz.

Quando ele a tomou da sua mão, ela sentiu o calor dos dedos dele tocarem os seus.

Uma sensação incrível atravessou-a. Ela sentiu a surpresa dele. O seu desejo tórrido. A sua fome por saciar.

Isso assustava-a verdadeiramente. Aquele era um homem capaz de quase qualquer coisa. Um homem de poderes quase divinos.

Ele poderia fazer o que quisesse com ela.

Ela precisava de o distrair.

E a si mesma.

— Então o que é que te aconteceu na verdade? — perguntou ela, imaginando se ele quebraria o Código de Silêncio e lhe diria que era perseguido pelos outros.

— Nada.

— Bem, espero nunca me cruzar com Nada se é capaz de me abrir um buraco nas costas.

Ela ouviu-o pegar no chá, mas ele não falou.

— Devias ter mais cuidado — disse ela.

— Acredita, não sou eu que preciso de ter cuidado. — A sua voz tinha um timbre sinistro quando proferiu aquelas palavras, reforçando o seu carácter letal.

— Estás a ameaçar-me? — perguntou ela.

Mais uma vez, ele nada disse. O homem era uma parede de silêncio.

Por isso, ela voltou a insistir.

— Há alguém a quem devemos telefonar para informar que estás bem?

— Não — respondeu ele, a voz oca.

Ela acenou enquanto considerava a questão. Nunca fora concedido um Escudeiro a Zarek.

Não conseguia imaginar como seria ser banida como Zarek. Durante o período do seu encarceramento, aquela zona do mundo fora escassamente povoada.

O clima era duro. Inospitaleiro. Desolado. Ermo.

Só se encontrava ali há alguns dias e tinha demorado algum tempo a habituar-se. Mas, pelo menos, tinha a mãe, as irmãs e Sasha para a ajudar a adaptar-se.

A Zarek tinha sido negado qualquer contacto.

Enquanto a outros Predadores da Noite eram permitidos compa-

nheiros e criados, Zarek tinha sido obrigado a atravessar a sua existência em solidão.

Sozinho.

Ela não conseguia imaginar como devia ter sofrido ao longo dos séculos, lutando para passar os dias, sabendo que nunca teria qualquer descanso.

Não era de admirar que fosse louco.

Ainda assim, isso não era desculpa para o seu comportamento. Como ele lhe tinha dito mais cedo, todos tinham os seus problemas.

Zarek terminou a sua comida e, depois, levou os pratos para o lava-loiça. Sem pensar, passou-os por água e lavou-os, depois pousou-os.

— Não precisavas de fazer isso. Eu podia tê-los lavado.

Ele limpou as mãos à toalha da louça que ela tinha sobre o balcão.

— É o hábito.

— Também deves viver sozinho.

— Sim.

Zarek viu-a aproximar-se mais dele. Ela voltou a colocar-se ao seu lado, invadindo o seu espaço pessoal. Ele sentia-se dividido entre a vontade de permanecer ao seu lado e a vontade de praguejar perante a sua proximidade.

Decidiu afastar-se.

— Ouve, não te importas de ficar longe de mim?

— Incomoda-te que me aproxime?

Mais do que ela poderia imaginar. Quando ela estava perto, era fácil para ele esquecer o que era. Tornava-se fácil fingir que era um ser humano, que podia ser normal.

Mas não era.

Isso nunca ele fora.

— Sim, incomoda — disse, a voz baixa, ameaçadora. — Não gosto que as pessoas se aproximem de mim.

— Porquê?

— Não tens nada a ver com isso, mulher — gritou-lhe. — Simplesmente, não gosto que as pessoas me toquem e não gosto que se aproximem de mim. Por isso afasta-te e deixa-me em paz antes que te magoes.

O lobo voltou a rosnar-lhe, desta vez mais violentamente.

— E tu, Kibbles — rosnou para o lobo —, é melhor que me deixes em paz. Se voltas a rosnar mais uma vez, capo-te com uma colher.

— Sasha, vem cá.

Ele observou quando o lobo se colocou, de imediato, ao seu lado.

— Lamento que nos aches incómodos — disse ela. — Mas como vamos ficar aqui presos durante algum tempo, podias tentar ser um pouco mais sociável. No mínimo dos mínimos, cortês.

Talvez ela tivesse razão. Mas o pior era que ele não queria ser sociável, quanto mais cortês. Nunca ninguém tinha desejado conversar com ele durante a sua vida humana ou a de Predador da Noite.

Mesmo quando se registara no *site* Predador-da-Noite.com, para conversar com alguém, dez anos antes, os outros Predadores da Noite tinham-se unido e atacado.

Ele estava exilado. As regras do seu exílio ditavam que nenhum deles podia falar consigo.

Tinha sido banido dos blogues, das salas de *chat*, até mesmo das salas privadas.

Só por acidente é que dera com Jess, que se encontrava numa sala de jogos à espera que chegasse o seu adversário de *Myst*. Demasiado jovem, em anos de Predador da Noite, para saber que não devia falar com Zarek, Jess tinha-o saudado como a um amigo.

A novidade de tal reação deixara Zarek vulnerável e, assim, dera por si a falar com o *cowboy*. Antes que disso se apercebesse, tinham-se tornado amigos.

E o que é que ele ganhara com isso?

Nada, a não ser um tiro nas costas.

Nem pensar. Não precisava de conversar. Ele não precisava de nada. E a última coisa que queria era ser sociável com uma mulher humana que chamaria a polícia se alguma vez descobrisse o quê e quem ele era.

— Ouve, princesa, isto não é uma visita social. Assim que o tempo melhorar, vou-me embora daqui. Por isso deixa-me em paz durante as próximas horas e faz de conta que eu não estou aqui.

Astrid decidiu afastar-se um pouco e deixar que ele se habituasse mais a ela.

Mal sabia ele que ficaria ali encurralado muito mais do que algumas horas. Aquela tempestade não ia ceder até que ela o desejasse.

Por ora, ela dar-lhe-ia tempo para refletir e recuperar.

Havia ainda outros testes que teria de superar. Testes dos quais ela não abdicaria.

Mas haveria tempo para isso mais tarde. Agora, ele ainda estava ferido e traído.

— Muito bem — disse ela —, estarei no meu quarto se precisares de mim.

Deixou Sasha na cozinha para tomar conta dele.

— *Não quero ficar a tomar conta dele* — disse Sasha, com rispidez.

— *Sasha, obedece.*

— *E se ele fizer alguma coisa nojenta?*

— *Sasha!*

O lobo rosnou.

— *Está bem. Mas posso dar-lhe uma dentadinha? Só para lhe inculcar algum respeito saudável por mim?*

— *Não.*

— *Porquê?*

Ela fez uma pausa, ao entrar no seu quarto.

— *Porque algo me diz que, se o atacares, tu é que ganharás um respeito saudável pelos poderes dele.*

— *Sim, pois.*

— *Sasha! Por favor.*

— *Está bem, estou a tomar conta dele. Mas se fizer qualquer coisa nojenta, ponho-me daqui para fora.*

Ela suspirou perante o seu companheiro incorrigível e deitou-se na cama, para tentar descansar um pouco antes de dar início à próxima batalha de vontades com Zarek.

Astrid inspirou fundo e fechou os olhos. Ligou-se a Sasha para poder observar Zarek. Naquele momento encontrava-se junto à janela, a olhar para a neve.

Viu o rasgão na parte de trás da camisola. Viu o cansaço no seu rosto. Parecia perturbado e, ao mesmo tempo, determinado.

Havia algo de intemporal nas suas feições. Uma sabedoria que parecia de alguma forma contrária à sua aparência sinistra.

— *O que és tu, Zarek?* — perguntou a si mesma, em silêncio.

A pergunta foi morbidamente seguida por outra. Durante os dias seguintes, ficaria a saber exatamente o quê e quem ele era. E se Ártemis tivesse razão e ele fosse, de facto, amoral e letal, ela não hesitaria em deixar que Sasha o matasse.

Capítulo

QUATRO

— **ACORDA**, *Astrid*. O teu criminoso psicótico está a brincar com facas.

Astrid acordou de imediato perante a voz de Sasha na sua cabeça.

— O quê? — perguntou em voz alta, antes que fosse capaz de o evitar. Sentou-se na cama.

Uma imagem mental de Sasha atravessou-lhe a mente. Viu Zarek na cozinha, vasculhando a gaveta onde estavam guardadas as facas.

Zarek tirou um grande cutelo, depois testou-o com o polegar. Ela franziu o sobrolho perante as suas ações.

O que estaria ele a fazer?

Pousou a faca e voltou a sua atenção para as outras que se encontravam na gaveta.

Sasha rosnou.

— Cala-te, Scooby — ripostou Zarek. Lançou um olhar selvagem e violento a Sasha que tinha mais veneno do que uma quinta de serpentes.

— Alguma vez te disse o quanto gosto de estufado de cachorro? Tens carne suficiente para me durar uma semana.

Sasha avançou.

— *Para!* — gritou ela, mentalmente, ao seu companheiro.

— *Vá lá, Astrid. Deixa-me mordê-lo. Só uma vez.*

— *Não, Sasha. Afasta-te.*

Ele fê-lo, mas não se mostrou nada contente. Recuou, os olhos sem nunca abandonarem Zarek que segurava uma pequena faca de aparar. Za-

rek voltou a testar a lâmina com os dedos, olhando para Sasha. Ela podia ver o brilho nos olhos negros de Zarek que lhe dizia que ele estava, de facto, a considerar a hipótese de utilizar a faca no seu companheiro.

Por fim, voltou a colocar o cutelo na gaveta, depois levou a faca de aparar até ao recanto da sala.

O franzir de sobrolho de Astrid tornou-se ainda mais profundo quando Zarek se dirigiu à pilha de lenha junto à lareira e pegou num grande madeiro. Levou-o até ao sofá e sentou-se.

Ignorando Sasha, que o seguia a cada passo e, por fim, se sentou aos seus pés, Zarek começou a aparar a madeira.

Astrid sentia-se enfeitiçada pelas suas ações inesperadas.

Ele permaneceu sentado durante incontáveis minutos, em absoluto silêncio, trabalhando naquela peça. Mas o que a impressionou ainda mais do que o seu comportamento paciente e silencioso foi a forma como o lobo que estava a esculpir ia tomando forma. Passou de um pedaço de madeira a uma imagem muito parecida com Sasha, em pouco tempo.

Até Sasha tinha inclinado a cabeça para o observar.

As mãos de Zarek moviam a faca sobre a madeira com a graça de um especialista. Parava apenas de tempos a tempos, altura em que erguia os olhos para comparar a peça com Sasha.

O homem era um artista muitíssimo talentoso e o seu talento parecia completamente contrário a tudo o que ela sabia sobre ele.

Intrigada, Astrid deu por si a levantar-se e a regressar à sala de estar. Os seus movimentos quebraram a ligação mental que tinha com Sasha. Acontecia sempre quando andava. Só era capaz de utilizar a visão dele quando se encontrava absolutamente imóvel.

Zarek olhou para cima, ao sentir a deslocação de ar atrás de si.

Fez uma pausa, quando o seu olhar caiu sobre Astrid e ela lhe roubou o fôlego. Desacostumado a ter pessoas em casa, consigo, não sabia ao certo se deveria saudá-la ou permanecer em silêncio.

Optou por olhá-la.

Ela era tão feminina e bela. Um pouco como Sharon, mas com uma sensação de vulnerabilidade que faltava a Sharon. Esta última tinha uma resposta pronta que podia rivalizar com a sua e os seus anos como mãe solteira tinham-na tornado algo dura. Mas não Astrid. Astrid tinha um tipo especial de suavidade que podia levar as pessoas a aproveitarem-se dela ou a vitimizarem-na.

Tal pensamento enviou um impulso de raiva inesperado através de si.

Astrid penetrou ainda mais na sala e avançava precisamente na direção do divã que ele afastara do seu lugar.

O seu primeiro pensamento foi não se incomodar e deixar que ela

caísse, pelo que quase não foi capaz de o desviar do caminho dela a tempo. Astrid não acertou no divã, contudo tropeçou nele, fazendo com que a faca lhe escorregasse.

Zarek silvou quando a lâmina extremamente afiada lhe abriu um golpe fundo, na mão.

— Zarek?

Ele ignorou-a e correu para a cozinha, para tratar da ferida latejante antes que o sangue pingasse no chão de madeira envernizada e nos tapetes caros.

Praguejando, largou a faca no lava-loiça e abriu a água para a lavar.

Ela seguiu-o até à cozinha.

— Zarek? Passa-se alguma coisa?

— Não — ripostou ele, lavando o sangue da mão. Fez uma careta ao ver a profundidade do ferimento. Se fosse humano, precisaria de pontos.

Astrid avançou, ficando ao seu lado.

— Cheira-me a sangue. Estás ferido?

Antes que se apercebesse das suas intenções, ela já lhe tinha tomado as mãos e tateava-as com as delas. O toque dela era suave como uma pena, ao tocar-lhe na ferida e, no entanto, a sensação da mão na sua, deixou-o pregado ao chão. Sentia-se como se lhe tivessem acertado no estômago com uma marreta.

Ela estava tão perto dele que tudo o que tinha a fazer era inclinar-se para a frente e beijá-la.

Provar o seu pescoço.

O seu sangue...

Nunca uma mulher o tentara assim.

Pela primeira vez na sua vida, queria provar os lábios de alguém. Segurar o rosto dela nas suas mãos e provar-lhe a boca com a língua.

Qual seria a sensação de a abraçar...?

Que raio se passa comigo?

Ele não era o tipo de homem que era abraçado por alguém, nem o queria.

Não de verdade.

Só queria...

— Isto é fundo — disse ela baixinho, a sua voz encantando-o ainda mais.

Ele olhou para baixo, mas em vez da sua mão, tudo o que era capaz de ver era o profundo vale entre os seios dela, exposto pelo decote em V da camisola. Bastava-lhe mover a mão alguns centímetros para a afundar entre os montes suaves. Afastar um pouco a camisola, até ser capaz de os tomar nas suas mãos.

— O que aconteceu? — perguntou ela.
Zarek piscou os olhos para afastar a imagem que fizera com que a sua virilha doesse e latejasse, exigindo ser satisfeita.

— Nada.

— Essa é a única palavra que conheces?

Ela dirigiu-lhe uma careta enquanto segurava a mão dele com uma das suas e, com a outra, retirava uma garrafa de água oxigenada do armário por cima do lava-loiça. Ele ficou impressionado por ela ser capaz de identificar os frascos mas a verdade é que tudo no armário parecia ter sido cuidadosa e deliberadamente organizado.

Zarek voltou a silvar quando ela deitou o líquido sobre o golpe. A sua frieza magoava tanto como o desinfetante.

Ainda assim, continuava chocado pelas suas atitudes protetoras, pela gentileza da mão dela na sua.

Astrid tateou em busca da toalha, junto ao lava-loiça. Tendo-a encontrado, usou-a para lhe envolver a mão.

— Mantém-na para cima. Vou chamar um médi...

— Não — disse ele, com rudeza, interrompendo-a. — Médicos, não.

— Mas estás ferido.

— Acredita em mim, não é nada.

Astrid apercebeu-se do aperto na voz dele quando falou. Mais do que antes, desejou ser capaz de o ver enquanto falava.

— Cortaste-te porque choquei contigo?

Ele não respondeu.

Astrid tentou usar os seus sentidos mas não sentiu nada. Não era capaz de dizer se ele estava junto dela ou se se encontrava completamente só.

Os seus sentidos nunca lhe tinha falhado.

Era assustador não ter a capacidade de o “sentir”.

— Zarek?

— O que é?

Astrid saltou ao escutar aquela voz profunda e carregada de sotaque tão próxima do seu ouvido.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Sim, e depois? Até parece que te preocupas com a forma como me magoei.

A voz dele foi-se perdendo, como se ele se estivesse a afastar dela.

— *Sasha, onde é que ele está?*

— *Está a regressar ao recanto da sala.*

Astrid ouviu Sasha a rosnar no corredor.

— Para ti também — resmungou Zarek. — Sabes — disse mais alto

—, ouvi dizer que os cães vivem durante mais tempo quando são capados. E também são mais amigáveis.

— *Oh, sim, vamos capar-te e ver se isso te afeta, meu...*

— *Sasha!*

— *O que é? Ele é detestável. E eu não sou um cão.*

Ela avançou lentamente através do corredor para fazer uma festa na cabeça de Sasha.

— *Eu sei.*

Zarek ignorou o lobo e a mulher, enquanto se aproximava da janela e afastava as cortinas. Passava pouco da uma da manhã e a tempestade estava tão feroz como antes.

Maldição. Nunca mais ia conseguir sair dali. Só esperava que o tempo acalmasse o suficiente para lhe permitir regressar aos seus bosques. Sem dúvida os Escudeiros, Jess e Tánatos estavam à sua espera na cabana, mas ele tinha mais algumas zonas “seguras” que todos eles desconheciam. Locais onde podia obter armas e mantimentos.

Mas tinha de estar no seu território para chegar até eles.

— Zarek?

Ele suspirou, irritado.

— O que é? — disse, de forma repentina.

— Não me fales nesse tom — disse ela com um timbre duro na voz que fez com que ele erguesse uma sobrancelha perante tamanha audácia. — Gosto de saber onde se encontram as pessoas que estão na minha casa. Sê simpático, caso contrário obrigo-te a usar um chocalho.

Ele sentiu uma estranha vontade de rir. Mas o riso e ele eram estranhos.

— Gostava de te ver a tentar.

— És sempre assim tão resmungão ou acordaste com os pés de fora?

— Sou mesmo assim, querida, habitua-te.

Ela colocou-se ao seu lado e ele teve a sensação de que ela fazia aquilo só para o irritar.

— E se eu não me quiser habituar?

Ele voltou-se para ela.

— Não me provoques, princesa.

— Oooh — disse ela, com uma voz muito pouco impressionada. — Não tarda estás a falar como o Incrível Hulk. “Não me irrites, não ias gostar de me ver irritado”. — Lançou um olhar altivo, mais ou menos na direção de Zarek. — Não me assustas, Sr. Zarek. Por isso podes deixar o mau temperamento à porta e ser simpático enquanto aqui estiveres.

A descrença abalou-o. Nunca ninguém, nos últimos dois mil anos, o tinha afastado com tanta facilidade e deixava-o furioso que ela fizesse

tão pouco caso dele. Trazia-lhe à memória demasiadas recordações más, de pessoas que viam através dele. Pessoas que não tinham qualquer respeito por ele.

A primeira coisa que jurara a si mesmo, quando se tornou Predador da Noite, fora que nunca mais se preocuparia em tentar obter o respeito e a gentileza de outras pessoas.

O medo era uma ferramenta bem mais poderosa.

Ele encostou-a contra a parede.

Astrid entrou em pânico quando sentiu Zarek encostar-se a ela, ao mesmo tempo que a parede atrás de si lhe bloqueava a fuga. Não tinha para onde ir. Não conseguia respirar. Não se conseguia mexer.

Ele era tão grande, tão forte.

Só o conseguia sentir a ele. Ele envolvia-a com poder e perigo. Com a promessa de reflexos mortais. Estava a tentar fazer com que ela o temesse, Astrid sabia-o.

Estava a funcionar muito bem.

Ele não lhe tocava, mas também não precisava. A sua presença, em si, já era aterrorizante.

Escura. Perigosa.

Mortal.

Ela sentiu-o dobrar-se para lhe falar furiosamente ao ouvido.

— Se queres simpatia, querida, vai brincar com a merda do cão. Quando estiveres pronta para brincar com um homem, chama-me.

Antes que ela pudesse responder, Sasha atacou.

Zarek cambaleou para longe dela, praguejando, enquanto o ar à volta dela se agitava violentamente, com os movimentos frenéticos de Sasha.

Encolhendo-se instintivamente, Astrid susteve a respiração enquanto escutava os sons da luta entre o homem e o lobo. Ela tentou ver, mas estava rodeada apenas pela escuridão e por sons irados e avassaladores.

— Sasha! — gritou ela, desejando ser capaz de ver o que se estava a passar entre ambos.

Tudo o que podia ouvir era uma miscelânea de silvos, rosnidos e palavras.

Depois algo sólido chocou contra a parede a seu lado.

Sasha ganiu.

Aterrorizada com o que Zarek tinha feito ao seu companheiro, Astrid ajoelhou-se no chão e tateou, abrindo caminho até ao local onde Sasha se encontrava deitado, em frente à lareira.

— Sasha? — Passou as mãos a tremer através do seu pelo, em busca de feridas.

Ele não se mexeu.

Sentiu o coração parar de bater, enquanto o horror se apoderava dela. Se tivesse acontecido alguma coisa a Sasha, ela mesma mataria Zarek!

Por favor, por favor, que estejas bem...

— Sasha? — Ela segurou-o junto a si e procurou-o com os seus pensamentos.

— Eu mato-o. Juro que mato.

Ela tremeu de alívio, ao escutar a raiva de Sasha. Graças a Zeus, estava vivo!

ZAREK despiu a camisola rasgada e usou-a para conter o sangue que escorria pelo braço direito, pelo pescoço e pelo ombro, nos locais onde o cachorro lhe tinha rasgado a pele com as garras e os dentes.

Mal conseguia conter a sua fúria. Já não era magoado tantas vezes numa única hora, desde o dia em que morrera.

Arreganhando os dentes, olhou fixamente para a carne vermelha e inchada. Odiava estar ferido.

Precisou de usar de toda a sua força de vontade, para não regressar ao escritório e garantir que o maldito cão nunca mais atacaria outro ser vivo.

Queria sangue. Sangue de lobo.

Agora que pensava nisso, queria sangue humano. Só uma dentadinha rápida para acalmar a sua fúria e lhe recordar o que era.

Só prová-la...

Astrid entrou na casa de banho e chocou contra ele.

Ele rosnou perante a sensação quente do corpo dela a embater no seu.

Sem qualquer comentário, ela afastou-o do lavatório e ajoelhou-se para agarrar no estojo de primeiros socorros.

— Podias ter dito “Com licença”.

— Não falei contigo — disse ela, rispidamente.

— Também te amo, querida.

Ela estacou perante o sarcasmo dele e olhou mais ou menos na direção onde se encontrava.

— És mesmo um animal, não és?

Zarek cerrou os dentes ao ouvir aquelas palavras. Era tudo o que sempre viam nele. Agora estava demasiado velho para mudar a sua forma de ser.

— ão, ão.

Bufando-lhe, Astrid dirigiu-se para a porta, depois parou. Voltou-se para trás, com uma expressão irritada.

— Sabes, não faço ideia de onde vens e, na verdade, não quero saber.

Nada te dá o direito de magoares as outras pessoas ou o Sasha. Ele só me estava a proteger, ao passo que tu... Tu não passas de um brutamontes.

Zarek permaneceu imóvel, enquanto imagens violentas e horríveis lhe atravessavam a mente. A imagem da sua aldeia em chamas.

Dos corpos espalhados por todo o lado.

O som vago de pessoas a gritar.

A fúria no interior do seu coração que exigia sangue...

Fechou os olhos, quando a dor o atravessou. Odiava as suas memórias, quase tanto como se odiava a si mesmo.

— Um destes dias, alguém terá de te ensinar boas maneiras. — Astrid voltou-se e regressou à sala.

— Sim — disse ele, com uma careta. — Vai tratar do teu cão, princesa. *Ele* precisa de ti.

Zarek, por seu lado, não precisava de ninguém.

Nunca precisara.

Com esse pensamento ainda bem presente, dirigiu-se ao quarto onde tinha acordado.

Com tempestade ou sem ela, estava na hora de partir.

Vestiu o casaco sobre o peito nu e abotoou-o. Também ele tinha sido danificado pelo tiro de caçadeira e deixar-lhe-ia a pele das costas, ainda a sarar, exposta ao clima. Que fosse.

De qualquer forma, não morreria de frio. A imortalidade tinha algumas vantagens.

O buraco permitiria apenas que uma agradável brisa fresca lhe descesse pelas costas, até ser capaz de encontrar mais roupas.

Depois de estar vestido, dirigiu-se para a porta e fez os possíveis por não prestar atenção a Astrid, que se encontrava de joelhos, em frente ao fogo quente, acalmando e consolando o seu animal de estimação, enquanto cuidava dele.

Aquela imagem provocou-lhe uma dor que nunca julgara possível.

Sim, estava na altura de se pôr a andar dali.

— **ELE** *está a ir-se embora.*

Astrid assustou-se ao ouvir Sasha dentro da sua cabeça.

— *Como assim, está a ir-se embora?*

— *Está atrás de ti, neste momento, vestido e a dirigir-se para o exterior.*

— Zarek?

A resposta veio sob a forma de uma porta a bater.

Capítulo

CINCO

ZAREK congelou do lado de fora da porta. Tanto literal como figurativamente. O vento era tão forte que lhe tirou o fôlego e lançou arrepios através de todo o corpo.

Estava tanto frio no exterior que ele mal se conseguia mexer. A neve caía rápida e furiosamente, e era tão densa que não conseguia ver mais do que um palmo à frente do nariz. Até os seus óculos tinham congelado.

Ninguém se atreveria a sair naquela noite.

Por isso, era bom que ele fosse insano.

Cerrando os dentes, dirigiu-se para norte. Maldição, ia ser uma longa e miserável caminhada até casa. Só esperava ser capaz de descobrir algum tipo de abrigo antes da madrugada.

Caso contrário, dentro de poucas horas, Ártemis e Dionísio seriam dois deuses felizes e o velho Acheron teria menos uma dor de cabeça na sua vida.

— Zarek?

Praguejou ao ouvir a voz de Astrid sobre os ventos uivantes.

Não respondas.

Não olhes.

Mas não era capaz de o evitar. Incapaz de se controlar, olhou para trás e viu-a sair da cabana, sem casaco.

— Zarek!

Ela tropeçou na neve e caiu.

Deixa-a. Ela devia ter ficado dentro de casa, onde estava segura.

Não consegui.

Estava sozinha e indefesa e ele não a ia deixar no exterior para morrer.

Resmungando uma praga fétida que teria feito corar um marinheiro, aproximou-se dela. Pegou-lhe com rudeza e empurrou-a na direção da casa.

— Entra, antes que morras congelada.

— E tu?

— Eu, o quê?

— Também não podes ficar aqui fora.

— Acredita em mim, princesa, já dormi em condições piores do que esta.

— Vais morrer aí fora.

— Não me importo.

— Bem, eu importo.

Zarek teria ficado bem menos surpreso se ela lhe tivesse batido. Pelo menos *disso*, estaria à espera.

Durante cerca de um minuto não foi capaz de se mover, enquanto as palavras dela ressoavam nos seus ouvidos. A ideia de que alguém se importasse com o facto de ele viver ou morrer era-lhe tão estranha que ele nem sequer sabia ao certo como responder.

— Entra — disse com rispidez, empurrando-a suavemente através da porta.

O lobo rosnou-lhe.

— Cala-te, Sasha — disse ela, sem dar tempo para que ele o fizesse.

— Mais um barulhinho e és *tu* que vais lá para fora.

O lobo cheirou o ar indignado como se a tivesse compreendido, depois correu para a parte de trás da casa.

Zarek fechou a porta, enquanto Astrid tremia de frio. A neve que caía tinha derretido, deixando-a molhada. Ele também estava molhado, não que se importasse. Já estava acostumado ao desconforto físico.

Ela não estava.

— Em que é que estavas a pensar? — ralhou, sentando-a no sofá.

— Não te atrevas a falar assim comigo.

Por isso, em vez de a criticar, rosnou-lhe e avançou a passos largos até à casa de banho, onde podia agarrar numa das toalhas penduradas no toalheiro. Depois dirigiu-se ao quarto dela e agarrou num cobertor.

Voltou para junto dela.

— Estás toda ensopada.

— Já reparei.

Astrid foi surpreendida pelo calor súbito e inesperado de um cober-

tor a envolvê-la, em especial tendo em conta as palavras zangadas e solenes que ele lhe dirigira, praticamente chamando-lhe idiota por ter ido atrás dele.

Zarek enrolou-a bem, depois ajoelhou-se à sua frente. Retirou-lhe dos pés os chinelos com pelo e esfregou-lhe os dedos gelados até ela ser capaz de sentir algo mais do que a dolorosa queimadura do frio.

Astrid nunca sentira um frio assim e perguntou-se quantas vezes teria Zarek sofrido com ele, sem ninguém que o aquecesse.

— Foi uma coisa estúpida de se fazer — disse ele, com rispidez.

— Então porque é que *tu* a fizeste?

Ele não respondeu. Em vez disso, largou-lhe os pés e colocou-se atrás dela.

Ela não sabia o que é que ele ia fazer até ter sentido uma toalha a tapar-lhe a cabeça. Ficou tensa, esperando que ele fosse bruto.

Não foi. Na verdade, o seu toque era impressionantemente gentil, enquanto lhe secava o cabelo com a toalha.

Como era estranho! Quem diria que ele cuidaria dela com tanto cuidado?

Era absolutamente inesperado.

Talvez houvesse nele mais do que parecia...

Zarek cerrou os dentes perante a suavidade do cabelo húmido dela, ao cair sobre as suas mãos. Tentou manter a toalha entre ele e a sua pele, mas não conseguiu. Madeixas do cabelo dela tocavam-lhe sem cessar a pele, fazendo-o arder.

Como seria beijar uma mulher?

Como seria beijá-la a *ela*?

Nunca antes tivera tal vontade. Sempre que uma mulher o tentara, ele afastara os lábios dos dela. Era um gesto íntimo que não desejava partilhar com ninguém.

E, no entanto, agora desejava-o. Sentia fome de provar a humidade rosada dos lábios de Astrid.

És o quê? Maluco?

Sim, era.

Não tinha lugar na sua vida para uma mulher, não tinha lugar para uma amiga ou companheira. Desde o nascimento que aprendera que não tinha senão um destino.

O isolamento.

Mesmo quando tentava pertencer a algo, não o conseguia. Era um estranho. Era tudo o que sabia.

Afastou a toalha do cabelo dela e olhou-a fixamente, desejando passar a mão pelas madeixas húmidas e penteá-las. A pele dela ainda estava pálida e acinzentada do frio. Mas não era menos bela. Menos convidativa.

Antes que fosse capaz de se conter, pousou a mão nua na face gelada dela e deixou que a suavidade da sua pele o atravessasse.

Deuses, era tão bom tocar-lhe.

Ela não se afastou do seu toque, nem se encolheu. Permaneceu ali e deixou que ele a tocasse como um homem.

Como um amante...

— Zarek? — A voz dela estava carregada de incerteza.

— Estás gelada — rosnou, e depois deixou-a. Tinha de se afastar dela e das estranhas sensações que despertava dentro de si. Não queria estar perto dela.

Não queria ser domado.

De todas as vezes em que se permitira estabelecer uma ligação com outro ser humano, fora traído.

Por todos.

Até por Jess, que tinha parecido seguro por viver tão longe.

Sentiu um eco de dor apunhalá-lo pelas costas.

Aparentemente, Jess não vivia suficientemente longe.

Zarek olhou através da janela da cozinha, para a neve que continuava a cair. Mais cedo ou mais tarde, Astrid adormeceria e, então, ele partiria.

Nessa altura, ela não seria capaz de o impedir.

ASTRID começou a seguir Zarek, mas depois parou. Queria ver o que ele ia fazer. Quais as suas intenções.

Sasha o que é que ele está a fazer?

Ela manteve-se imóvel e usou os olhos de Sasha. Zarek estava a desapeitar o casaco. Ela ficou sem fôlego ao ver o seu peito nu. Todos os músculos do seu corpo se ondulavam enquanto ele despia o casaco e o pousava nas costas da cadeira forrada a pele.

O homem era simplesmente lindo. As costas bronzeadas e nuas e os ombros largos eram convidativos. Deleitáveis.

Mas o que mais a espantou foi o braço direito e o ombro, que se encontravam num estado lastimoso devido ao ataque de Sasha.

Astrid arquejou ao ver o que o seu companheiro tinha feito. Zarek, por outro lado, não parecia minimamente perturbado com as feridas horríveis. Avançava como se nada tivesse acontecido.

— *Tenho de olhar para isto?* — gemeu Sasha no interior da cabeça dela. — *Vou ficar cego por estar a olhar para um homem nu.*

— *Não vais ficar cego e ele não está nu.*

Infelizmente.

Astrid ficou algo espantada com o pensamento pouco característico.

Nunca antes observara um homem daquela forma, mas sentia-se enfeitiçada por Zarek.

— *Sim, vou e sim, está. Pelo menos o suficiente para me fazer vomitar o almoço.* — Sasha preparou-se para sair da cozinha.

— *Sasha, fica.*

— *Não sou um cão, Astrid, não gosto desse tom de comando. Fico contigo por escolha minha, não tua.*

— *Eu sei, Sasha. Desculpa. Por favor, fica, por mim.*

Rosnando de uma forma que a fazia recordar Zarek, Sasha voltou a entrar na cozinha e sentou-se a observá-lo.

Zarek não deu atenção a Sasha enquanto se deslocava pela cozinha em busca de algo.

Ela franziu um sobrolho, quando o viu tirar um pequeno púcaro do armário. Quando ele se dirigiu ao frigorífico, ela susteve a respiração ao ver uma tatuagem de um dragão estilizado na parte inferior das costas. E, logo acima, a ferida de aspeto terrível, no local onde alguém o atingira a tiro.

Encolheu-se com uma simpatia inesperada. Pela primeira vez, em muito tempo, sentiu pena de alguém. A ferida tinha um aspeto mau e doloroso.

Zarek movia-se como se nem reparasse nela.

Dirigiu-se ao frigorífico e retirou do seu interior o leite e uma grande barra de chocolate Hershey que ela tinha comprado por impulso. Despejou o leite no púcaro e, depois, juntou-lhe pedaços de chocolate.

Como era estranho. Ele tinha gritado com ela e tinha-a intimidado, depois tinha tratado dela e agora estava a fazer chocolate quente.

— *Não é para ti* — disse-lhe Sasha.

— *Chiu, Sasha.*

— *Não é. Queres apostar que me vai tentar envenenar com o chocolate?*

— *Bem, não o comas.*

Zarek voltou-se e dirigiu um sorriso sinistro a Sasha.

— *Aqui, Lassie, queres ir à procura do Timmy no poço? Vamos, rapariga, até te abro a porta e atiro um biscoito.*

— *Anda cá, psico-Predador, queres ir à procura dos meus dentes no teu...*

— *Sasha!*

— *Não consigo evitá-lo. Ele incomoda-me. Muito.*

Zarek olhou para as tigelas da comida e da água que Astrid colocara numa pequena bandeja a cerca de dez centímetros do chão, para Sasha.

Sasha mostrou-lhe os dentes.

— *A minha comida, não, meu. Se a contaminares, juro que te vou morder.*

— *Sasha, por favor.*

Zarek aproximou-se das tigelas de aço inoxidável.

— *Eu disse-te, Astrid, o filho da mãe vai envenenar-me. Vai cuspir na minha água ou fazer algo pior.*

Zarek fez a coisa mais inesperada. Dobrou-se, pegou na tigela da água, quase vazia, lavou-a no lava-loiça e voltou a enchê-la de água, depois voltou a colocá-la, cuidadosamente, na bandeja.

Astrid não sabia ao certo quem teria ficado mais chocado com as suas ações. Ela ou Sasha.

Zarek voltou ao lava-loiça para lavar as mãos. Quando o leite com chocolate ficou quente, deitou-o para uma caneca e levou-lho.

— Toma — disse ele, a voz ressoando com a normal nota de rudeza e hostilidade. Pegou na mão dela e guiou-a até à caneca.

— O que é? — perguntou ela.

— Arsénico e vômito.

Ela fez uma careta de nojo, perante tal ideia.

— A sério? E, no entanto, conseguiste vomitar tão silenciosamente. Quem diria? Obrigada. Nunca bebi vômito antes. Tenho a certeza de que este é *muito* especial.

Bem, lá se ia a ideia de que Zarek tinha um lado mais carinhoso e gentil.

— Podes bebê-lo ou não — rosnou ele. — Não quero saber.

Ela ouviu-o abandonar mais uma vez a divisão.

Astrid segurava a caneca. Embora o tivesse visto a prepará-la através dos olhos de Sasha e soubesse que ele nada tinha feito para a contaminar, ainda se sentia relutante em prová-la depois do comentário desencorajador.

— *Ele está a observar-te* — disse Sasha.

Ela inclinou muito ligeiramente a cabeça.

— *Como assim?*

— *Como se te desafiasse a provar.*

Astrid susteve a respiração, tentando decidir o que fazer. Seria aquilo um teste? Estaria a pedir-lhe que confiasse nele?

Inspirando fundo, bebeu o chocolate, que se encontrava a uma temperatura perfeita e era muito saboroso.

Zarek ficou surpreso com a sua coragem. Então ela tinha visto para lá do seu *bluff* e confiado nele. Ele nunca teria bebido algo que um estranho lhe desse e ficou surpreendido por ela o ter feito.

Sentiu por ela um respeito inesperado. A mulher tinha coragem, tinha de o reconhecer.

Mas, no final do dia, a coragem não contava para muito, e tudo o que

conseguiria era matá-la, se Tánatos os descobrisse antes que ele se conseguisse ir embora.

O olhar dele tornou-se vazio quando recordou o demónio, ou *daemon*, ou o que quer que ele fosse, que tinha sido enviado para o matar.

Durante todos aqueles anos, os Predadores da Noite tinham partido do princípio que Acheron era o cão de fila que Ártemis usava para caçar e matar os Predadores da Noite transviados.

Todos os que sabiam a verdade estavam agora a vaguear pela terra como sombras. Entidades sem corpo e sem alma que podiam sentir fome e sede mas a quem, no entanto, nunca seria permitido saciá-las.

Podiam sentir e pressentir o mundo, mas ninguém os conseguia sentir e pressentir a eles.

Zarek compreendia esse tipo de existência. Durante os vinte e seis anos em que vivera como mortal, tinha sido assim.

Só então, um mundo que não soubesse da sua existência teria sido preferível. Porque, quando as pessoas se apercebiam de que ele estava por perto, tinham recorrido a todos os meios para aumentar a sua dor.

Tinham recorrido a todos os meios para o magoar e humilhar.

A raiva invadiu-o, enquanto o seu olhar ganhava de novo vida. Olhou à sua volta, para a cabana imaculada, onde cada detalhe revelava a riqueza de Astrid. Durante a sua existência humana uma mulher como ela, ter-lhe-ia cuspidido no rosto sem outra razão que não o facto de ele se ter atrevido a atravessar-se no seu caminho. Estaria tão abaixo dela que seria espancado só por se atrever a erguer os olhos para fitar o seu rosto.

Olhar para os olhos dela teria sido a sua morte.

“Este escravo está a incomodá-la, senhora?”

Fechou os olhos, enquanto a memória lhe atravessava a mente.

Com doze anos de idade tinha sido tolo o suficiente para ouvir os irmãos, quando estes lhe apontaram uma mulher no mercado.

“É a tua mãe, escravo. Não sabias? O tio libertou-a o ano passado.”

“Porque não vais ter com ela, Zarek? Talvez ela tenha pena de ti e faça com que te libertem, também.”

Demasiado jovem e demasiado tolo para saber melhor, tinha olhado fixamente para a mulher que lhe indicaram. Ela tinha cabelo preto como o seu e olhos azuis e perfeitos. Nunca antes vira a sua mãe. Nunca soubera que ela era tão bela.

Mas, no seu coração, ela sempre fora mais bela do que Vénus. Ele tinha-a imaginado uma escrava, como ele, que não tinha outra escolha senão fazer o que o seu dono lhe ordenava. Tinha construído todo um sonho sobre como fora arrancado aos seus braços depois do seu nascimento. Como ela tinha chorado, pedindo que ele lhe fosse devolvido.

Como tinha lamentado, todos os dias, pelo seu filho perdido.
Entretanto, ele tinha sido entregue a um pai sem misericórdia que o tinha, por vingança, mantido longe dos seus braços carinhosos.

Zarek estava certo de que ela o amava. Todas as mães amam os seus filhos. Era por isso que as outras escravas não tinham utilidade para ele. Estavam a guardar as suas rações e os seus afetos para os seus.

Mas aquela mulher... era sua.

E ela amá-lo-ia.

Zarek tinha corrido para ela e tinha-a abraçado, dizendo-lhe quem era e o quanto a amava.

Mas não tinha recebido qualquer cumprimento caloroso. Qualquer afeto maternal.

Ela tinha olhado para ele com nojo e horror abjeto. Dirigira-lhe uma careta cruel enquanto lhe sibilava: *“Paguei bom dinheiro para te ver morto.”*

Os seus irmãos tinham-se rido dele.

Zarek tinha ficado demasiado devastado pela sua rejeição para se mover ou respirar. Tinha ficado devastado ao saber que a sua mãe tinha pago a outra escrava para o matar.

Quando um soldado se aproximou deles para saber se ele a estava a perturbar, ela respondeu friamente *“Este escravo miserável tocou-me. Quero-o açoitado por isso.”*

Mesmo passados dois mil anos, aquelas palavras ainda ressoavam através dele. Tal como a expressão impiedosa no seu rosto, quando se voltou e o deixou com os soldados que cumpriram alegremente a sua ordem...

“Não vales nada, escravo. Não vales nada. Não vales sequer os restos que te mantêm vivo. Se tiveres sorte, talvez morras e nos poupes as rações de inverno para um escravo de algum valor.”

Zarek rosnou perante as memórias que se apoderavam dele. Incapaz de lidar com a dor que lhe causavam, libertou os seus poderes. Todas as lâmpadas do escritório se estilhaçaram, o fogo rugiu na lareira, falhando por pouco Sasha que se encontrava deitado à sua frente. Os quadros caíram das paredes.

Tudo o que queria era que a dor parasse...

Astrid gritou, quando os seus ouvidos foram assaltados pelos sons estranhos.

— *Sasha o que se passa?*

— *O filho da mãe tentou matar-me.*

— *Como?*

— *Atirou uma bola de fogo da lareira para os meus quartos traseiros. Tenho o pelo chamuscado. Está a ter uma crise qualquer e a usar os seus poderes.*

— Zarek?

Toda a cabana abanava com uma tal ferocidade que ela quase esperava que rebentasse.

— Zarek!

Abateu-se um silêncio absoluto.

Tudo o que Astrid conseguia ouvir era o seu próprio coração a bater.

— *O que se está a passar?* — perguntou a Sasha.

— *Não sei. O fogo apagou-se e não consigo ver nada. Ele destruiu as luzes.*

— Zarek? — tentou novamente.

Uma vez mais não obteve resposta. O seu pânico triplicou. Ele podia matá-la e nem ela nem Sasha se aperceberiam de nada.

Ele podia fazer qualquer coisa com ela.

— Porque é que me salvaste?

Ela saltou perante o som da sua voz, mesmo ao lado do seu ouvido, atrás do sofá onde estava sentada. Ele estava tão perto dela que conseguia sentir o hálito quente na sua pele.

— Estavas ferido.

— Como soubeste que eu estava ferido?

— Não sabia, até te ter trazido para dentro. Eu... eu pensei que estivesse embriagado.

— Só uma completa idiota traria um homem estranho para sua casa, sendo cega e vivendo sozinha. Não me pareces uma idiota.

Ela engoliu em seco. Ele era muito mais esperto do que ela pensara.

E muito mais assustador.

— Porque é que estou aqui? — perguntou.

— Já te disse.

Ele empurrou o sofá com tanta força que este deslizou vários centímetros. Depois, estava à sua frente, prendendo-a contra as almofadas. Fazendo-a tremer perante a ferocidade da sua presença.

— Como me trouxeste para dentro?

— Arrastei-te.

— Sozinha?

— Claro.

— Não pareces forte o suficiente.

Ela arquejou de terror. O que é que ele procurava? O que é que ele queria dela?

— Sou mais forte do que pareço.

— Prova-o. — Ele agarrou-lhe os pulsos.

Ela lutou com ele durante vários segundos.

— Larga-me.

— Porquê? Provoco-te repulsa?

Sasha rosnou. Alto.

Ela parou de se mover e olhou para o local onde supunha estar o rosto dele.

— Zarek — disse ela com firmeza. — Estás a magoar-me. Larga-me.

Para seu choque, ele largou. Afastou-se ligeiramente, mas a sua presença furiosa ainda era tangível. Opressiva. Assustadora.

— Faz algo inteligente, princesa — rosnou-lhe ao ouvido. — Fica bem longe de mim.

Ela ouviu-o afastar-se de si.

— *Ele é culpado* — disse Sasha, rispidamente. — *Astrid. Julga-o.*

Ela não podia. Ainda não. Embora Zarek a assustasse. Embora naquele momento parecesse desequilibrado e aterrorizante.

Ele não a tinha magoado verdadeiramente. Só a tinha assustado e isso não era algo por que alguém devesse morrer.

Depois daquilo, podia compreender bem como ele se poderia ter passado, certa noite, e morto todos os habitantes da aldeia que tinha sido colocada sob a sua guarda.

Passar-se-ia da mesma maneira com ela?

Como era imortal, ele não podia matá-la, mas podia magoá-la.

Um juiz menor teria avançado e proferido o seu veredicto baseando-se nas ações daquela noite. Ela própria sentia-se tentada, mas não o faria. Ainda não.

— *Estás bem?* — perguntou Sasha depois de ela se ter recusado a responder ao seu pedido de um veredicto.

— *Sim.*

Mas estava a mentir e teve a sensação de que Sasha o sabia. Zarek aterrorizava-a como nunca ninguém a aterrorizara antes.

Ao longo dos séculos, ela julgara inúmeros homens e mulheres. Assassinos, traidores, blasfemos. Era só escolher.

Mas nunca nenhum a assustara. Nunca nenhum a fizera desejar correr para as irmãs em busca de proteção.

Zarek, sim.

Havia algo nele que não era realmente são. Estava habituada a lidar com pessoas que tentavam esconder a sua insanidade. Homens que fingiam ser heróis galantes quando, por dentro, eram frios e cruéis.

Zarek explodira e, no entanto, não a magoara.

Pelo menos ainda não.

Mas as suas táticas intimidatórias teriam de desaparecer.

Recordou-se das palavras de Acheron “Só com o coração se pode ver com justiça...”

O que haveria no coração de Zarek?

Expirando longamente, Astrid tentou utilizar os seus sentidos para localizar Zarek.

Como antes, não era capaz de o encontrar. Era como se ele estivesse de tal forma habituado a manter-se escondido que não surgia no radar de ninguém. Nem mesmo no seu, tão sensível.

— *Onde é que ele está?* — perguntou a Sasha.

— *No quarto dele, acho.*

— *Onde estás tu?*

Sasha aproximou-se e sentou-se aos seus pés.

— *A Ártemis tem razão. Pela segurança da humanidade, ele devia ser abatido. Há algo muito errado com aquele homem.*

Astrid esfregou-lhe as orelhas enquanto considerava as suas palavras.

— *Não sei. Acheron negociou com Ártemis para que fosse eu a julgar Zarek. Ele não o teria feito sem um motivo. Só um louco negocia com Ártemis. E Acheron está longe de ser um louco. Tem de haver algo bom em Zarek, caso contrário...*

— *Acheron sempre se sacrificará pelos seus homens. É o que ele faz* — disse Sasha, com ironia.

— *Talvez...*

Mas ela sabia melhor. Acheron faria sempre o melhor para todos os envolvidos. Ele nunca antes interferira quando era chegada a hora de julgar ou executar um Predador da Noite perdido e, no entanto, tinha pedido que fosse ela a julgar aquele...

Não deixara que Zarek fosse morto, novecentos anos antes, por destruir a sua aldeia e matar os humanos inocentes.

Se Zarek fosse, de facto, um perigo, Acheron nunca teria negociado uma audiência ou permitido que o Predador da Noite vivesse. Tinha de haver mais alguma coisa.

Ela tinha de acreditar em Acheron.

Tinha de o fazer.

ZAREK estava sentado, só, no seu quarto, observando a neve que caía no exterior através das cortinas abertas. Estava sentado na cadeira de baloiço mas permanecia imóvel. Depois do seu “esgotamento”, tinha percorrido a casa, substituindo as lâmpadas e apanhando os quadros. Agora tudo estava fantasmagoricamente silencioso.

Tinha de sair dali antes que aquilo voltasse a acontecer. Porque é que a tempestade não lhe dava tréguas?

A luz do corredor acendeu-se, cegando-o temporariamente.

Ele franziu o sobrolho. Porque é que Astrid acendia as luzes, se era cega?

Ouviu-a tatear ao longo do corredor na direção da sala. Parte dele queria juntar-se a ela, falar com ela. Mas nunca fora de conversas.

Não sabia como fazer conversa de circunstância. Nunca ninguém se tinha interessado por nada do que tinha para dizer.

Por isso, mantinha-se reservado e isso bastava-lhe.

— Sasha?

O som da voz melódica dela percorreu-o como vidro partido.

— Senta-te aqui, enquanto acendo de novo o fogo.

Quase se levantou para a ajudar, mas obrigou-se a permanecer na cadeira. Os seus dias como servo dos ricos tinham chegado ao fim. Se ela queria fogo, tinha de ser capaz de o fazer, tal como ele.

Claro que ele podia ver para acender o fósforo e as suas mãos estavam duras devido ao trabalho árduo.

As dela eram macias. Delicadas.

Mãos frágeis capazes de apaziguar...

Antes que se tivesse apercebido, ia a caminho da sala.

Descobriu Astrid, de joelhos em frente à lareira, tentando passar novos troncos através do portão de metal. Estava a ter dificuldades e fazia o que podia para não se queimar.

Sem uma palavra, ele puxou-a para trás.

Ela arquejou de susto.

— Sai do meu caminho — rosnou ele.

— Eu não estava no teu caminho. Tu é que te atravessaste no meu.

Quando ela se recusou a mover-se, ele pegou nela e largou-a no cadeirão verde.

— O que estás a fazer? — perguntou ela, com uma expressão alarmada.

— Nada. — Regressou à lareira e ateou o fogo. — Não acredito que, tendo tanto dinheiro, não tenhas uma pessoa contigo para te ajudar.

— Não preciso de ninguém para me ajudar.

Ele fez uma pausa perante as suas palavras.

— Não? Como te deslocas sozinha?

— Faça-o, simplesmente. Não suporto que me tratem como uma inútil. Sou tão capaz como qualquer outra pessoa.

— Bom para ti, princesa. — Mas sentiu-se invadir por uma nova onda de respeito por ela. No mundo onde crescera, as mulheres nunca faziam nada sozinhas. Compravam pessoas como ele para lhes satisfazerem todos os caprichos.

— Porque é que me estás sempre a chamar “princesa”?

— É o que és, não é? A queridinha dos teus pais?
Ela franziu o sobrolho.
— Como sabes isso?
— Posso cheirá-lo. És uma daquelas pessoas que nunca passou por um momento de sofrimento em toda a sua vida. Tudo o que alguma vez quiseste, recebeste.
— Não tudo.
— Não? O que é que alguma vez te faltou?
— A minha visão.
Zarek ficou em silêncio, enquanto as palavras dela ressoavam nos seus ouvidos.
— Sim, ser cego é uma porcaria.
— Como poderias saber?
— Já passei por isso.